

Primo

c

400

269.0

F

Res
3490

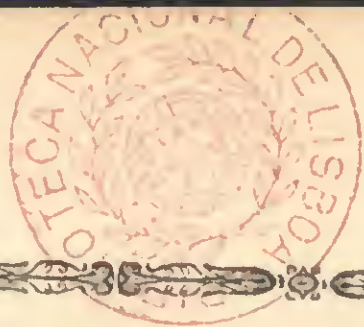




POESIAS

JOVIAES E SATYRICAS.

Res.
3490



POESIAS

JOVIAES E SATYRICAS

DE

ANTONIO LOBO DE CARVALHO.

COLLIGIDAS E PELA PRIMEIRA VEZ
IMPRESSAS.



CADIX :

—
MDCCCLII.

COMPRA

R. 157592

Res.
3490

PREFAÇÃO DO EDITOR.

N'esta quadra de transições (que por certas deferencias, bem ou mal cabidas, nos absteremos de qualificar mais devidamente) a alguém parecerá, quando menos anachronico, ou intempestivo, sair do prelo com o presente volume, como que pretendendo fazer reviver um pótre e já esquecido poeta, finado ha perto de septenta annos, cuja existencia apenas notoria á geração hodierna, tornar-se-ia em breve desconhecida á raça futura ;—e cujas composições, jazendo de ha muito sepultadas no pó das livrarias, ou girando despercebidamente e em segredo pelas mãos de um ou outro curioso, não deixarão por certo de merecer a muitos os prodigalisados epithetos de *fosseis e rançosas*, por tão arredadas do gosto que actualmente predomina em materia de versos.

E em verdade, seja dicto ingenuamente :— que triste e encolhida figura não vai hoje represen-

tar o nosso Lobo, evocado da sua poetica agua-furtada, onde viveu e morreu na muito classica e affamada rua da Madragoa (que por graça da civilisação, e em tributo devido ás luzes e moralidade do nosso seculo, lá vemos agora crismada com o nome, indubitavelmente mais decente e cortezão, de *Vicente Borga*) trazido a terreiro para as praças, como quem viesse medir-se, e hombrear com esse grupo gigantesco de esperançosas e altissimas intelligencias ;—com esses sustentaculos da eschola appellidada nova, que alumiados por um raio da divina sabedoria, *comprehenderam a verdadeira missão do poeta*, e trabalham á competencia para collocar sobre suas fronte os louros do Parnaso ; que por isso não deixarão de olhar com o desdem e sobrecentho de bem pronunciado desprezo o seu *confrade em Apollo*, como os intitularia o mesmo Lobo, ou qualquer outro poeta dos tempos da semsaborona e ludibriada Arcadia ?

E todavia essas esperançosas e collossaes intelligencias terão tambem, em que lhes peze, de tornar-se a seu turno egualmente *fosseis*, e hão de pelo andar dos tempos ceder o passo a futuros competidores, que lhes arraucarão das mãos as palmas do triumpho, retribuindo-lhes talvez com usura, e não sabemos se com justiça, os apo-

dos e sarcasmos, que elles hoje dispensam a flux sobre os seus predecessores. Tal é a vicissitude e inconstancia das cousas n'este mundo de misérias!

Que bello ensejo se não apresentava agora para uma longa e estirada dissertação academica, e ainda para um *espirituoso* folhetim de algum periodico politico, sobre o merito comparativo de antigos e modernos; — sobre originalidades poeticas; — sobre mil outros pontos, que tractados, controvertidos, e enucleados, dariam margem para eternas repetições e commentarios, posto que o resultado fosse, como é de uso n'estes e similhantes casos — perfeitamente nullo!

Longe poren de nós, mesquinha e ignorada creatura, que nem ao menos fomos ainda convocado para collaborador em algum de tantos jornaes que, vai por vinte annos, tem pejado as impressas d'este nosso malsadado paiz, a idéa de suscitar polemicas, que a nossa condição não comporta, para que nos falecem tempo, e meios; e cuja inutilidade é hoje para nós ponto incontroverso, e dogomatico! N'esta materia, como em muitas outras, temos sido e morreremos acerrimos sequazes e propugnadores da maxima liberdade: — pense cada qual como lhe aprouver, com tanto que não empeça aos outros de fazerem o mesmo.

— Quem não gostar do livro, não o lêa; arrojé-o, se tanto quizer, ás chammas, que não lh'o levaremos a mal: — quem se enjoar de Lobo, e da sua eschola, procure as outras, que a nosso ver valem tanto como aquella.

Pois então (perguntar-se-ha) para que escreves este prologo? — Responderemos: por duas razões, para nós mui ponderosas, e como que obrigativas. Primeira: para pagar uma divida de agradecimento, dando em brevissima resenha a maneira porque obtivemos sair com esta edição, no intento unico de sacudir da poeira estas composições, que depois de terem fornecido abundante pasto á hilaridade de nossos paes e avôs, dormiam com grande pesar nosso o somno de imerecido esquecimento, talvez condemnadas a perecer de todo dentro em pouco tempo: — Segunda: para deixarmos aqui consignado esse pouco que sabemos da vida do auctor.

Quanto á primeira parte, doia-se-nos, digamol-o assim, a alma ao pensar na sorte que ameaçava estas poesias, que ha bastantes annos, e com assas de trabalho chegáramos a reunir em copiosa colleccão, correctas em grande parte dos erros que costumam inquinár os transumptos manuscritos; lamentavamos que certas circumstancias nos tolhessem os meios de dal-as á estampa; e á vis-

ta das difficuldades, para nós insupperaveis, tinhamos quasi perdida a esperanza de o conseguir. Eis que tão impensada quam felizmente para o nosso proposito, deparou-nos a ventura a boa vontade de pessoa, que respeitamos por mais de um titulo, e de voto mui competente em assumptos litterarios; a qual nutrindo por sua parte uma semelhante predilecção pelas obras d'este poeta, hoje quasi ignorado, ao saber que em nossa mão existia esta collecção, veio em nosso auxilio, facilitando-nos os meios necessarios, e incitando-nos a pôr por obra o nosso desejo. Não podiamos deixar de aproveitar com gosto a oportunidade que se nos franqueava de realisar o que aliás não teria ido alem de mero pensamento. Démos calor ao negocio, tractando de augmentar o nosso peculio, e adquirimos mais algumas peças, em que nos pareceu reconhecer o cunho de authenticidade, tal qual pode racionalmente exigir-se em obras ineditas d'esta natureza. Por este modo levámos a collecção ao estado em que actualmente a offerecemos aos leitores.

Ahi entregamos pois o livro, como obra de litteratura, as censuras da critica. Preenchemos o nosso fim. O mais pouco nos importa.

Alguns espiritos timoratos, se não hypocritamente devotos, a cujas mãos haja de chegar por

acaso este volume, terão infallivelmente d'escandalisar-se ao notar entre as poesias que elle encerra algumas, que hão de parecer-lhes offensivas dos ouvidos castos, como contendo vocabulos e phrases sordidas, e obscenas. Poderíamos em verdade evitar esses reparos, supprimindo alguns logares, e adoçando outros ; mas isso redundaria em apresentar a final uma edição mutilada, o que não queria-mos fazer por modo algum. E de mais : se o palacia no Horacio, e o rigido Juvenal, compondo e publicando suas obras no meio de uma corte polidissima, se julgaram desobrigados de guardar algum rebuço nos versos, com que invectivaram os vicios e devassidão dos romanos ; se os prophetas da lei antiga e os padres da egreja catholica escrevendo nos idiomas vulgares, e para serem lidos por todos, apresentam em suas obras quadros da mais desenfreada dissolução, expondo em termos claros e explicitos as mais reconditas e abominaveis torpezas, quem ousará levar a mal, que appareçam hoje estampados os versos de Lobo, que ha tantos annos têm corrido manuscriptos, e que têm sido lidos, e decorados por toda a sorte de pessoas ?

Não é por certo ridiculizando o vicio, ou flagelando-o despiedosamente com o açoite da satyra, que se conseguirá recrutar para elle novos

adeptos. Em summa, as verdadeiras obscenidades existem nas cousas, e não nas palavras: e nós estamos firmemente convencidos de que não é por estes assumptos, assim tractados, que a moral e os costumes hão de jamais perigar em tempo algum.

Passemos agora a desempenhar tanto quanto nos é possível a segunda obrigação contrahida, dando aqui aos nossos leitores o que alcançámos de mais certo, ou verosimil com respeito á biographia do auctor d'estas poesias. Infelizmente, são tão escassas as memorias que d'elle nos restam, e foram tão infructuosas as investigações que empregámos n'esta parte, que, com bastante magoa nossa, e dos que nos acompanharem no desejo de travar com o poeta mais intimo conhecimento, entrando nas particularidades da sua vida e acções, temos forçosamente de limitar-nos ás poucas, e deficientes informações que se nos subministraram; servindo-nos porem de guia principal n'este trabalho a certidão d'obito, cujo assentamento descobrimos depois de aturada diligencia, no cartorio da parochial de Sanctos o velho, onde existe a fl. 181 do livro XII dos falecimentos.

APONTAMENTOS

PARA

A BIOGRAPHIA DO AUCTOR.

Antonio Lobo de Carvalho foi natural da villa de Guimarães, e nasceu provavelmente pelos annos de 1730 pouco mais ou menos. Foram seus páes Diogo Ferreira da Silva, e Jeronyma Lobo, de cujas condições e qualidades não podemos até agora obter mais individual conhecimento, mas que suppomos pertenceriam á burguezia d'aquella notavel e antiga povoação, primeira séde da monarchia portugueza. E' muito de presumir que elles curariam de dar a este seu filho (que não nos consta que outros tivessem) uma educação litteraria, ao uso d'aquelles tempos, destinando-o talvez para seguir a carreira da magistratura, ou para o estado ecclesiastico; e estas presumpções adquirem maior grau de probabilidade, quando sabemos pelo testemunho de pessoas que, tendo com elle convivido, chegaram até nossos dias, que era dotado de instrucção e de

conhecimentos superiores ao que hoje pode colligir-se pela leitura dos versos que nos deixou; pois que em verdade n'estes não apparecem rasgos de erudição, nem cousa que induza de per si a suppol-o iniciado nos mysterios das sciencias, quer naturaes, quer positivas.

Que porem cursasse os estudos na universidade de Coimbra, e muito mais que ahi tomasse o grau de bacharel em direito, como um illustre e distincto escriptor, nosso contemporaneo, não duvidou dar por assentado em uma curta noticia biographica que ha annos fez imprimir ácerca d'este poeta (1) são pontos para nós problematicos, e a respeito dos quaes nos não attrevemos a aventurar aqui alguma opinião com visos de fundamentada.

Egualmente duvidosa, se não mais questionavel se nos figura ainda a assersão de que A. Lobo estivesse por algum tempo em Macau; indução que o mesmo alludido escriptor pretendeu tirar do contexto de um soneto, quanto a nós apocrypho, e que por tal o expungimos da presente collecção (2).

(1) Vej. na *Revista Universal Lisbonense* vol. VI. o numero 43, de 28 d'Outubro de 1847, a paginas 507 e seguintes.

(2) E' o que vem transcripto a pag. 508 do mencionado volume, e começa:

Um governo sem mando, um bispo tal, etc.

O que porem achamos de melhor averiguado, é que A. Lobo, ou porque não tivesse ainda sahido da sua patria, ou porque a ella tivesse volvido depois de concluidos os estudos, ahi vivia entretido no commercio das Musas, e dando largas ensanchas ao seu genio satyrico; e como fosse naturalmente achacado de indole turbulenta, sobreveiu-lhe certo conflicto pessoal, provocado pelos caprichos do amor proprio offendido, que o levaram a um desforço culpavel. Isto lhe acarretou as perseguições da justiça, e para fugir a ellas teve de homisiar-se, evadindo-se depois para a cidade do Porto. Não sabemos ao certo o tempo que ahi se demorou; mas inclinamo-nos a crêr que a presistencia seria dilatada, por quanto boa parte das suas poesias parece terem sido compostas durante esse intervalo.

A final partiu de lá para Lisboa; ou no intento de melhorar de fortuna, buscando encontrar na corte protecções, que talvez lhe faleceriam n'aquella cidade; — ou quem sabe se para evitar algumas novas e perigosas consequencias de um procedimento menos regular, e da sem-ce-

Alem d'este, é tambem decididamente apocrypho outro, que vêem na mesma pag., e principia:

Se u larga prôa trazes alastrada etc.

o qual em realidade pertence a Nicolau Tolentino, em cujas obras anda impresso desde 1801.

rimoniã com que atacava o vicio, e o ridiculo onde quer que com elles deparava.

Appareceu pois na capital esta especie de Diogenes poetico, ou *Pasquim vivente*, como lhe chamava o doctor Sampaio, celebre advogado d'aquelles tempos (1). A sua decidida vocação para a satyra, e o seu talento versificatorio, eram, na falta de outras, mui efficazes cartas de recommendação perante o avultado numero dos que folgam de rir á custa alhêa; e portanto é provavel que dentro em pouco attrahisse a si numeroso sequito de amigos e admiradores. Com elles corria os outeiros, especie de assembléas poeticas, que então, e até muitos annos depois andaram em moda entre nós, e de que ainda os nossos velhos septuagenarios conservam saudosas reminiscencias; umas vezes acompanhava as funcções de cirios, e mais tertulias semelhantes; — outras ia palestrar nos locutorios das freiras; — outras finalmente frequentava como parasita as casas e palacios de muitos fidalgos, e pessoas nomeadas por sua consideração e riquezas, onde era sempre bem vindo e festejado, quer fosse em graça do seu talento, quer pelo fundado receio que haviam, de incorrer na sua mordacidade.

(1) Vej. o soneto por elle dirigido ao mesmo Lobo, que vai inserto em nossa collecção sob o numero CXLVI.

Em todos estes sitios, bem como em quaesquer outros onde se lhe proporcionava occasião ou assumpto, divertia os circumstantes com seus dictos chistosos e chocarreiros; e improvisava, ou escrevia com a maior facilidade os seus sonetos, ora laudatorios, ora satyricos; não poupando n'estes ultimos até os seus protectores, e mais intimos amigos (1); do que lhe provinham, quando Deus queria, malquerenças e dissabores, chegando a ser, não sabemos se por mais de uma vez, recluso na cadêa da cidade, para ahi expiar correccionalmente as suas diatribes, e dar satisfação aos offendidos. Trabalho inutil; porque a propensão natural estava n'elle mais que muito radical para admittir emenda.

Se por acaso lhe acontecia ter dinheiro, gastava-o prompta e profusamente com seus amigos, nas lojas dos pasteiros, e nas casas de pasto ou de bebidas, indo perder o resto ás espeluncas de jogo:— se o não tinha, nem por isso se mortificava, porque nas bolsas dos mesmos amigos achava logo os recursos de que carecia para acudir ás precisões mais urgentes.

(1) Vejam-se, por exemplo, os sonetos endereçados a João Xavier de Mattos, poeta com quem, segundo a tradição, vivia na mais estreita familiaridade, e que pouco tempo lhe sobreviveu.

A renda das casas em que habitava, quasi sempre pertencentes a algum dos seus patronos, era de ordinario paga na moeda propria dos poetas (não de todos) isto é, em sonetos de agradecimento aos proprietarios, que com elles se davam por satisfeitos, e por quite o seu auctor.

Inimigo jurado de toda a subjeição, adverso ao constrangimento, e incapaz de tomar sobre si os cuidados domesticos e obrigações de familia, conservou-se sempre celibatario; e não consta, nem apparece em seus versos o minimo vestigio de que jamais importunasse os seus protectores, inclusive aquelles com quem convivia em tracto familiar, para alcançar por sua intervenção alguma posição estavel e lucrativa, como talvez lhe teria sido facil. Bem differente n'isto do seu contemporaneo Nicolau Tolentino que, naturalmente ambicioso, e com a idéa fixa de augmentar a sua fortuna, era incansavel em captar a benevolencia, e solicitar o favor d'aquelles, que por sua jerarchia e valimento estavam no caso de poder servir-lhe de apoio em suas continuas pretensões.

Talvez poderia attribuir-se a estas mesmas causas o facto de não vermos A. Lobo arrolado entre os membros da Arcadia Ullyssiponense, com quanto elle se achasse em Lisboa ao tempo em que

esta litteraria corporação dava ainda de longe em longe algumas mostras de vitalidade: mas por outra parte não deixa de parecer-nos egualmente verosimil a conjectura de que os proprios arcades mui difficultosamente condescenderiam, ainda que solicitados fossem, em abrir as portas de seus perfumados salões ao poeta popular e ambulante, cuja soltura de lingua e costumes contrastava em certo modo com a sisudez e gravidade, que sempre caracterisaram, tanto os fundadores d'aquella conspicua associação, como os que posteriormente se lhes ággregaram.

Seguindo pois um teôr de vida conforme ao que pouco mais ou menos deixámos esboçado, passou A. Lobo talvez para mais de vinte annos em Lisboa, até que a morte veio cortar lhe o fio da existencia aos 26 de Outubro de 1787, quando contava d'idade sessenta annos, ou pouco menos, se é exacto o calculo que seguimos. Ignora-se a especie e duração da molestia que o levou; mas é certo que antes do transito final pediu, e recebeu todos os soccorros espirituaes, com que a egreja romana prepara e conforta os seus adeptos no passo extremo, que separa a vida caduca da eternidade.

No dia immediato foi, segundo consta, decentemente sepultado no extincto convento de N. S.

de Jesus da ordem terceira de S. Francisco, cuja egreja serve ao presente de parochial de N. S. das Mercês.

Sabe-se tambem de certeza, que antes de falecer fizera suas disposições testamentarias; o que induz a crer que possuiria na sua patria alguns bens, ou rendimentos. Deixou por testamenteiro um Manuel Jacinto de Oliveira, caixeiro do commercio, e morador na freguezia de S. Julião. Fizemos todo o possivel por alcançar este testamento, que nos persuadimos lançaria mais alguma luz sobre as particularidades da vida do poeta; porem foram baldadas nossas diligencias, pois o não achámos registado nos livros competentes, a cujo exame procedemos no tribunal da Relação d'esta cidade, para onde passaram do cartorio respectivo.

Apoz estas noticias, de cuja brevidade e falta de individuação muito nos peza, segue-se dizermos mais duas palavras, com respeito ao merito litterario das poesias que encerra o presente volume.

Ingenho, fecundidade, e força d'expressão; estilo claro, e quasi sempre correcto; metrificacão cadente, e natural; — são quanto a nós, e conforme a opinião de bons entendedores, dotes caracteristicos, que geralmente reinam nas compo-

sições de A. Lobo, Mostrá-se ás vezes inimitável em suas chistosas allusões, e nos rasgos satyricos com que sabe fulminar os vicios, e castigar desapiedadamente os viciosos, tornando-os pelo assim dizer, a fabula do povo (1).

Estes dotes o fizeram tão acceito a seus coetaneos, que as suas composições, constantes na quasi totalidade de sonetos, eram não só applaudidas, mas anciosamente decoradas, e recolhidas, multiplicando-se em successivas e repetidas copias, e formando se d'ellas numerosas collecções parciaes.

Não tendo elle porem feito imprimir durante a sua vida (que nos conste) alguma de suas obras, de que alias a maxima parte era, como se vê, absolutamente impropria para o prelo, esta circumstancia e os accidentes a que sempre estão sujeitos similhantes papeis manuscriptos, foi tudo causa de que com o volver dos tempos se extraviassem pouco a pouco as mesmas obras, por mo-

(1) Tambem não é para omittir a circumstancia, ja judiciosamente notada pelo distincto escriptor, a quem por vezes temos tido occasião de alludir, de que foi Lobo o primeiro, que entre os seus contemporaneos se atreveu a dar de mão ao *bucolismo*, genero de poesia, que tendo desde o tempo de Bernardim Ribeiro inficionado, mais ou menos, todos os nossos poetas de maior nomeada, obteve ainda ser cultivado por quasi todos os arcades.

do que ao fim de bastantes annos de porfiosa e incansavel diligencia apenas podémos d'ellas reunir as que vão n'este volume; restando-nos assim mesmo duvida sobre a authenticidade de algumas: que por isso irão marcadas nos seus logares com a letra (D), para significar que as temos por mais ou menos duvidosas.

Concluiremos rectificando aqui uma asserção, que se encontra no *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal* de A. Balbi, publicado em 1822, a pag. clxij do tom. II. Diz elle — que um grande numero de sonetos de Lobo se achava ja então impresso (1); — mas isto é, quanto a nós, mais uma das inexactidões e erros, em que abunda aquella obra, alias estimavel, devidos ás falsas, e incuriosas informações de que o auctor se serviu na sua composição. O facto é, que nem antes d'aquelle tempo, nem posteriormente achámos jamais noticia de similhante impressão. De entre todos os referidos sonetos apenas sabemos de alguns, em pequenissimo numero, que foram insertos (anonymos) na — *Collecção de Obras Poeticas dos melhores auctores* — Porto, 1789 — ;

(1) Les sonnets satiriques de Lobo de Guimaraens sont très-estimés, et figurent avec distinction parmi les ouvrages manuscrits qui ornent beaucoup de bibliothèques en Portugal; un grand nombre ont déjà été imprimés.

e de mais tres ou quatro, que appareceram no —
Jornal Poetico — Lisboa, 1812 — ; de que foi
editor o livreiro Desiderio Marques Leão.

N. B.

*Tanto os Apontamentos, como a Prefação que os
precede, foram escriptos em Lisboa; e concluidos a
20 de Agosto de 1852.*

of the ... in ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

... the ... of ... the ... of ...

*Boas festas do Natal ao Ill.^{mo} D. Gastão José
da Camara Coutinho.*

SONETO I.

Que festas se hão de dar, Gastão amado,
Por baixó d'agua, que onde quer faz poça,
Sem botas, sem gabão de saragoça,
Chapéo que suba e desça acabanado?

Que afflicto saltará taful rafado
Pegajosos montões de lama grossa,
Da rua vendo a mesa onde se almoça
Biscouto leve em ponche carregado?

Se ha tal, que ao Isidro off'rece os calções d'anta,
E por não ter vintem cheira os espetos,
Lava os dentes á vista, e diz que janta !

Assim sou eu, assim serão meus netos :
Que mais vale, senhor, na festa sancta
Desmanchar porcos, que fazer sonetos.

*Na occasião das honras funeraes do Provedor dos
Armazens, mandou o ductor a seu filho o Ill.^{mo}
Fernando de Larre o seguinte*

SONETO II.

Septe dias ha só que a eternidade
Nos privou do bom Larre esclarecido,
E mil annos de dor tem padecido
Triste Lysia no horror d'atroz saudade:

Não pareça ficção esta verdade,
A quem souber do estrago acontecido;
Que deve á proporção do bem perdido
Corresponder equal penalidade:

Mas enxuga o teu rosto, oh Tejo amado;
Não te assuste da Parca o sacrilegio,
Que inda o golpe ha de ser remediado:

Que apezar seu te assiste o privilegio
De ver o illustre pae resuscitado
Nas inclitas acções do filho egregio.

*Memorial ao Ill.^{mo} e Preclarissimo Senhor Fernando
de Larre, em que o auctor lhe representa a
proxima chegada do hyverno.*

SONETO III.

Illustre Provedor, a minha zanga
E' Novembro, e Dezembro ; o impio Janeiro
Tambem não quer que eu vista o mezureiño
Fraque irrisorio da sebenta canga :

O prisco meu capote é uma tanga
Que apenas cobre o andor que vai dianteiro ;
Se eu fora ha tempos de algum *borra* herdeiro
Fizera um novo de uma velha manga :

Mas já não foi assim, nem vejo agora
Que mal fez á Fortuna um triste poeta,
Que quanto mais o acclama o del'riora :

Venha pois essa capa, ou parda, ou preta ;
Farei como forçado cá de fóra,
Que indo a rastos me sirva de calceta.

*Ao mesmo Ill.^{mo} e Preclarissimo Senhor Fernando
de Larre, que bellissimamente me percebe.*

SONETO IV.

Tres reis gentios, nenhum d'elles mouro,
Sabendo que em Bethlem fora nascido
O famoso Messias promettido,
Vão incenso offertar-lhe, myrrha, e ouro :

Levava cada um em seu thesouro
Manifesta a oblação, mas escondido
O mysterio, que Deus de homem vestido,
Encerra como rei no metal louro :

Nas mãos da augusta mãe (throno em que estava)
O rei dos reis, em fórmula de mendigo,
Egual valor em cada obsequio achava :

Mas se os taes votos fossem ter comigo,
Não vos quero dizer em qual pegava,
Que vós bem me entendeis, meu charo amigo.

*Ao Ill.^{mo} e Preclarissimo Senhor Fernando de Larre
Garcez Palha d'Almeida communica uma estafada
Musa o estado em que se acha n'este carnaval.*

SONETO V.

Que me importa a mim ver dependurada
Em torto gancho na Ribeira velha
A fressura de um porco, ou a cernelha,
Sem penna uma perdiz, outra emplumada ?

Que me importa a chouriça tão delgada,
Que ao junco de um meirinho se assemelha,
Nem outra, que a pregão anda na celha,
Que é com sangue de burro argamaçada ?

Que importa isto, se um homem sem dinheiro
Co'a alma torta, o gesto carrancudo,
A rogar pragas passa o anno inteiro ?

Nada, senhor ; mas quero dizer tudo :
Só tenho os pés d'um coxo no fumeiro, (*)
Só as hotas que trago são do entrudo.

(*) E' o boticario visinho do senhor Conde da Calheta, que está sempre com os pés ao lume.

*Aos annos de Anselmo José da Cruz Sobral, a quem
o auctor era muito obrigado.*

SONETO VI.

Quando alguém me encontrar posto na rua
De meias brancas, de vestido novo,
Com gesto honrado, qual Juiz do Povo,
Que á esquerda leva a propria mulher sua :

Quando virem que á laia de charrua
Que vem de Holanda cheia como um ovo,
De proa joga o vulto d'este Lobo,
Que rompa, ou rasgue, atraz não arrecua :

Quando um zoilo com outro assim porfia,
Se esta minha basofia occultos canos
Terá na sancta casa, ou obra pia :

Vão á folhinha ver esses pastranos
Que hoje mesmo é que faz (oh que alegria !)
Meu grande Anselmo os seus felices annos.

*Ao Conde da Calheta, senhorio das casas do quctor,
na occasião em que endoudeceu o boticario d'este
fidalgo por causa de certo namoro.*

SONETO VII.

Eu apostei, senhor, a qual primeiro
(Foi aposta entre mim e o boticario)
Qual seria de nós ou preso ou vario,
Se elle por ter mulher, se eu por dinheiro :

Nem eu, nem elle achar melhor parceiro
Foramos, inda ao espaço imaginario ;
Que elle perdeu a sciencia d'hervanario,
E eu a fé em que estou de bom caseiro.

Andou comnosco o tempo fementido ;
Tirou-lhe a moça a elle um moço bello,
E a mim deu-me um semestre ja vencido :

Com que, meu Conde, para vós appello ;
Que elle está no hospital a bom partido,
Mas eu quasi entre os pobres do Castello.

Ao mesmo Conde, em agradecimento.

SONETO VIII.

Quantas vezes, senhor, me acontecia
Correr esta cidade inutilmente,
Sem ter menos nem mais que dar ao dente
Que as tres *Aves* da Igreja ao meio dia !

N'estes tempos então é que eu fingia
De Momo e Baccho alumno contingente ;
Barriga farta, e estomago contente
Eram ritos, que então eu não sabia :

Mas vossa alta grandeza, que cubiça
O imperio arruinar da fome fêa,
De garfo e faca armou minha preguiça :

Bemdicto Deus, que tudo remedêa !
Pois se gasto meia hora em ouvir missa,
Nada mais gasto no jantar, e cêa !

*Ao Márquez de Penalva, quando senhorio de umas
casas em que o auctor assistia.*

SONETO IX.

Da casa São Marçal bello advogado,
E fiscal do caseiro em recta linha,
Co'a pressa com que um mez e outro caminha,
Parece o anno todo é festejado !

Cuido (quero dizer) que bem livrado
Hontem fui do aluguel da casa minha ;
Mas revendo a aerostatica folhinha
Ja com novo semestre estou caugado :

Ditoso aquelle, que em rasteira choça
A dormir guarda a vinha a um grande Conde,
Que a casa lhe ergue, paga o que elle almoça !

N'esta pois, em que eu vivo, os olhos ponde ;
Que se a tal renda não sair da vossa,
Então, meu bom Penalva, não sei d'onde !

*Ao Duque do Cadaval, que offerecia um quarto
na sua casa ao auctor.*

SONETO X.

Se eu fora, excelso Duque, homem perito,
Capinha, ferrador, cabelleireiro,
De cães decurião, ou cosinheiro,
Em sopas mestre, em massas erudito :
Se em letra antiga lêsse o que anda escripto
De vosso grande avô João Primeiro,
Que á gothica mostrasse ao meu caseiro
Que o tombo velho nunca está prescripto :
N'este caso, senhor, a vossa graça
Mais quizera alcançar, que ter mil burras
Do metal louro, que se ri da traça :
Mas como a sorte me tem dado surras,
Não vou servir-vos, só por não ter praça
No livro mestre dos sanctões caturras. (*)

(*) Diz-se que por este soneto fora premiado com vinte e oito dias de Limocíro.

*Ao noivado de um fidalgo d'esta corte
em dia de jejum.*

SONETO XI.

Mezas regias em vesp'ras d'Advento :

Fructas de cama, vinhos de Canarias,

Tochas, barris, foguetes, luminarias,

Seges, lacaios, plumas d'alto vento :

Pagens, copeiros, todos de espavento,

Franjas, galões, librés de côres varias,

Flautas, rebecas, minuets, arias,

Tudo signaes são d'alto casamento :

Mas em dia de peixe eu não conheço ;

E de cantar acção, que o mundo atrôa,

Ca me entendo, senhor, escusa peço :

Que é tão arduo o lembrar-me cousa boa,

Quando noto a diff'rença em gosto, e preço

D'um rabo de sardinha a um de leitoa.

*Ao Conde da Culheta prognosticando-lhe successão
em um filho varão.*

SONETO XII.

Eu tenho, excelso Conde, um livro antigo ;
Nunca das mãos me sáe, ou d'algibeira ;
Que um cigano deixou a uma parteira,
A qual em vida quiz casar comigo :

Contem d'advinhações um longo artigo,
Signaes de parto pela vez primeira,
E trata esta questão em lauda inteira :
La dama encinta si trae hembra, ou hijo ?

Com que eu cá me entendo : isto supposto
Quereis vós apostar um tanto, ou quanto,
Pois mais que o ganho a perda vos dá gosto ?

Se for varão, que venha a lume sancto,
Perdeis uma casaca ; e eu sempre aposto
Sendo fêmea, atraz d'ella andar de manto.

*Ao mesmo fidalgo nascendo-lhe um filho
em dia de Sancta Rita.*

SONETO XIII.

Sancta Rita, a impossiveis consagrada,
Todo o mundo a respeita com fé pia ;
Cassia o diga, que incrível romaria,
Não cobre o seu altar, a sua entrada :

Mas co'a illustre Condessá atribulada
Na acção do parto, cuja dôr sentia,
Que fez a sancta ? Emprestar-lhe o dia,
Mas alem d'isto não lhe fez mais nada :

Mais fiz eu, que observando o meu planeta,
Bem que sou dos futuros lingua fraca,
Vaticinei um Conde em linha recta :

Morda-se a inveja agora impia, e velhaca ;
E em tanto acendereis a este propheta
Tres velas de calção, vestia, e casaca.

*Enviando ao mesmo Conde um registo de S. Braz,
que este fidalgo lhe pedira.*

SONETO XIV.

A estampa do fiel martyr de Christo
Vai, senhor, no seu dia competente ;
Que um fidalgo que tem meza de gente
Com São Braz deve sempre andar bem quisto :

Mas eu, que vezes mil me tenho visto
Sem ter mais que engulir que o ar ambiente,
Inda quando algum nicho o põe patente,
Nem lhe rezo, nem beijo o seu registo :

Louve-o lá quem quizer, a acção é sancta ;
Mas quanto a mim, o homem que jejua
E' o martyr maior que a Igreja canta :

Nem me tracte d'herege a voz commua ;
Que áquelle que não dá uso á garganta,
Que lhe importa São Braz? Cousa nenhuã.

Aos annos da Ex.^{ma} Snr.^a Condessa da Calheta.

SONETO XV.

Minerva esta manhan (que alegre dia
Não promette este sonho assignalado !)
D'Amor ao grande templo consagrado
Com gestos de prazer me conduzia :

Entre pyras flammantes, onde ardia
Um sancto affecto, ao Numen dedicado,
Outra Deusa então vi, maior que o Fado,
Que a mão benigna a todos estendia.

Marilis era a unica applaudida,
De Obidos e Calhetas lusitanos
Illustre ramo, esposa esclarecida :

O solio honra dos avós ufanos
Com vinte e quatro joias guarneçada,
Que é o numero certo dos seus annos.

*A' vez primeira que o auctor entrou em casa de João
Ferreira, um dos primeiros homens, e o mais
benemerito do nome de bom amigo.*

SONETO XVI.

Entro em casas de Condes e Marquezes,
E em panos vejo, aos persas imputados,
Homens sem braços, outros degolados,
Tudo ao dente dos ratos portuguezes :

Vou mais dentro, e diviso trinta arnezes,
Com mil têas d'aranha eclipsados ;
Dous saguins me esperam pendurados,
Que são de casa os servos mais cortezes :

Ao som do chá, que bebo em louça grossa,
Tosse o fidalgo, falo-lhe a seu geito,
E em prosa e verso muita peta almoça :

Da porta em fim lhe aparto o pé direito...
Ah bom Ferreira, quem só fôra á vossa !
Que alto negocio não teria feito !

Ao Beneficiado Domingos Caldas Barbosa.

SONETO XVII.

Meu Caldas, sabes tu porque a grosseira
Venturã nos persegue avessa e torta?
E porque nunca se nos abre a porta
Ou d'homem gordo, ou de mulher matreira?

Minha Musa d'Extremadura ou Beira
Carregações de satyras transporta:
A tua gira mais, porem que importa
Se estás egual comigo na algibeira?

Outra vida sigamos, que eu approvo;
Faze-te cego, eu moço malhadiço,
Se has de levar um cão, levas um Lobo:

De roda andemos, e se for remisso
O nosso heroe, que mora ao Poço-novo,
Dá-me co'o pau, que não se me dá d'isso.

Retrato do afamado prégador Manuel de Macedo.

SONETO XVIII.

Conheces um varão, que anda vestido
De padre, co'uma volta ja sebenta,
Fazendo cortezias de septenta,
Nos successos da Igreja pouco lido?

Que tem o Pedegache defendido,
E ser o prégador melhor aventa ;
Que no pulpito todo se espaventa,
Em pastoris imagens suspendido?

Que janta com João Braz, que muitas praças
D'elle se contam, nunca estando quedo,
Em casa do Toscano diz as graças?

Pois como não é cousa de segredo,
Quem é te digo, e novo não te faças ;
E' este o famosissimo Macedo.

Outro do mesmo.

SONETO XIX.

Quem é este peralta reverendo,
Que em verso torpemente nos atrôa,
Querendo inficionar toda Lisboa,
Errada, e nesciamente discorrendo?

Quem é, torno a dizer, que pervertendo
Vai da sancta moral a lição bôa,
Sem que haja um vil tambôr, que pize e môa
Os ossos d'um tal monstro assás horrendo?

Quem é que o puro nome de *divina*
A' Zamperina dá sem susto, ou medo
De quem os idiotas mais crimina?

Se quereis o auctor saber de tanto enredo,
E um, de honesta côr, talvez da China,
E' o negro doctor, padre Macedo (*).

(*) Era natural da colonia do Sacramento na America.

*Dialogo entre o Padre Macedo e um Cabelleireiro
fruncez, a quem foi encommendar uma
cabelleira.*

SONETO XX.

Macedo. Monsieur Sutá, eu quero uma peruca,
Cousa da sua mão, ultima moda ;
Que me cinja a cabeça toda em roda,
E que os crespos me caiam sobre a nuca :

José Pedro de falso ás vezes truca,
Faz-me esperar em casa a manhan toda ;
Depois á pressa os meus cabellos poda,
E com pós e pomada a testa estuca.

Cabel. Monsieur l'Abbé, vós tendes muita pressa?

Macedo. Se acaso pode ser, faça-ma hoje,
Fort bien, antes que o sol do carro desça.

Presto, Monsieur Sutá, que o tempo foge !..

Cabel. Eu vol-a faço mesmo na cabeça,
Que é irman das de pau, que estão na loja.

*Ao mesmo Padre Macedo, que prégando em Sancta
Joanna na accção de graças que se fez pelo resta-
belecimento do Conde de S. Vicente, abateu o
Marquez do Pombal, tendo-o ahi mesmo
louvado n'outras occasiões.*

SONETO XXI.

Hontem n'essa cadeira da verdade
Por maior dos heróes o conheceste,
E no mesmo logar hoje o fizeste
O monstro mais cruel d'iniquidade !

Explica-nos emfim por piedade,
Ja que tanto o exaltaste, e o abateste,
Se é mentira o que então nos propozeste,
Ou o que essa oração nos persuade ?

Se foi mau, porque teve então louvores ?
E se é bom, porque é monstro, e causa medo ?
Eu não posso entender taes oradores !

Para mudar o ser é muito cedo :
Hontem tudo era luz, tudo hoje horrores ;
Mas emfim, são discursos do Macedo !

*Ao Padre Macedo elogiando a Zamperina em uma
Ode discretissima.*

SONETO XXII.

Soa no sacro monte uma bozina,
Ajuntam-se os antigos escriptores,
Mostra-lhe Apollo cheio de furores
A ode do Macedo á Zamperina :
Virgilio pasma, Homero não atina,
Soffoca-se de magoas e rancores ;
Ja Sannazaro diz : « Votem, senhores,
Acudamos depressa a esta ruina ! »
Varios votos se dão ao delinquente ;
Que seja pelas ruas apupado...
Porem não quer Apollo, nem consente :
Mandam emfim, que seja tosquiado,
Que use de cabelleira, ou de crescente,
E da opera a desterro condemnado (*) .

(*) Para intelligencia d'este, e d'outros sonetos, veja-se a nota 1.^a no fim do volume.

O Padre Macedo querendo entrar em casa da Zamperina, recusando esta abrir-lhe a porta.

Dialogo.

SONETO XXIII.

Truz, truz... «Z: Q^m bate ahi?... M. Abra, senhora,
Sem medo, sem receio, e sem cautela :
E' Macedo, que estava só por vel-a
Debaixo da janella ha mais d'um' hora.

Zamp. Jesus ! senhor Jesus ! sem mais demora
A porta abrirei ja, pois como a estrella
Seguir sempre intentei quem se desvela
Em obsequios render a tal cantora :

Mac. Não posso tal ouvir, pois tanto afina
E taes passagens faz, que na verdade
Sua voz não é terreste, sim divina !

Zamp. Isso agora é mentir, na realidade !
E ja que zombar quer da Zamperina,
Beije-a no cu por toda a eternidade.

Conselhos ao mesmo Padre Macedo.

SONETO XXIV.

Macedo, é tempo de mudar d'officio ;
Tu, que eras prégador rijo, excellente,
A testa inclina, escuta paciente
Que eu tambem de prégar tómo o exercicio :

No pulpito explicaste contra o vicio
Doctrina sancta em phrase irreverente ;
No theatro és a fabula da gente,
Opprobrio á religião, e a nós supplicio :

Com fé quem te ha de ouvir prégar ja agora
(Oh Deus d'Abrahão, oh Numen sempiterno !)
Se *divina* acclamaste a vil cantora?

Só podes ir prégar ao escuro Averno ;
Que essa prophana voz impia, e traidora,
Não é clarim do céo, é voz do inferno.

*A João Xavier de Matlos, namorando por grosso e
miudo quantas mulheres ha em Lisboa.*

SONETO XXV.

Apenas vêes deixada da costura
Por'traz da adufa a timida donzella,
Como um raio, João, co'os olhos n'ella
Lhe encampas reverente uma mesura:

Safa-se a moça, e o pae que por ventura
Vem chamar o aguadeiro da janella,
Repara então que a filha se acautela
D'essa tua scismatica ternura.

Por amante basbaque a bom capricho
Te aponta ao dedo o ginja furibundo,
Se é que prompta não tem a pá do lixo:

Casa-te, amigo meu, e logra o mundo;
Que é descanso maior ser corno fixo,
Do que andar putanheiro vagabundo.

*Ao mesmo Mattos, queixando-se dos rigores
da sua Olaia.*

SONETO XXVI.

Para que chamas falsa, e fementida
A' bella Olaia, Mattos embusteiro?
Has de querer á força ser primeiro,
Se ella vê que não tens modo de vida!

Como ha de ella gostar de ser querida,
Se tu ora pastor, ora barqueiro,
De poeta, escrivão, e cavalleiro
Fazes uma mixordia confundida?

Nada, amigo; se queres que ella caia,
Não lhe mandes mimosos de poeta,
Da-lhe o manto, o sapato, a meia, a saia:

Este é d'amor a escola mais discreta;
E assim escusas de ir atraz d'Olaia
Toda a vida a gemer, feito um pateta.

A João Xavier de Mattos.

SONETO XXVII.

Ora tu feito furia, e quanto baste
O teu cravo a roer de ferradura!
Tomára ver-te já n'essa postura,
Olha que has de ficar galante traste!

Não sei como, João, te não lembraste
Fingir antes do urso a atroz figura,
Que as moças por te ouvir a roncadura
« Ai que bicho! (dirão) affaste, affaste! »

Virá Jonia tambem, ja que é faceta,
(Nem tu d'ella, meu Mattos, mais pretendas)
Pôr a mão no focinho ao seu poeta:

Mas se de um bom conselho não te offendes,
Chupemos nós a bella garrafeta,
E Jonia vá beber... tu bem me entendes.

*Em resposta a outro de João Xavier de Mattos,
que começa :*

« Trazei, Nymphas, trazei a branca arêa, etc.
(Tom. 1.º pag. 93.)

SONETO XXVIII.

Meu João Xavier, tenho assentado
Que andaste n'esta acção pouco discreto ;
Pois quem logra as delicias d'um affecto
A todas as pensões vive obrigado :

Se de Olaia te queres ver amado,
D'essa que de teu peito é digno objecto,
Tudo o que fôr a bem do teu projecto
Só por ti deve ser executado :

Essa blasphemia infame, amigo, cala ;
Porque as Nymphas nem sempre estão dispostas
A servir de continuo a quem lhes fala :

Se é que Olaia te quer, e d'ella gostas,
E não queres nas pedras molestal-a,
Eu acho que é melhor trazel-a ás costas.

*A João Xavier de Mattos, negando a Providencia
actual, porque este anno houve pouco vinho,
e elle bebe como um boi bebe agua.*

SONETO XXIX.

Ja reduzido em cheio á uma demencia
Clama em fim um philosopho rasteiro
Que tudo quanto encerra este orbe inteiro
Uma mão natural lhe dera a essencia :

Nada ao céo attribue, só por decencia
Divinas chama as cuvas do Barreiro,
E inda que bebe por gastar dinheiro,
Sempre nega o favor á providencia :

Coitado ! tem razão, chora o seu damno,
Que Baccho neste outomno andou mesquinho,
Co'o pobre velho do pastor Albano :

Mas em tal caso peça a São Martinho
Que p'ra o anno que vem mande um bom anno,
Que este em que estamos foi de pouco vinho.

*Descripção do funeral, que João Xavier de Matlos
tanto prophetisa nas suas rythmas, alinha-
vado nas clausulas deste*

SONETO XXX.

Que diabo de chôro, ou que lamento
De brejeiros irá por essa rua?
Algum poeta deu a ossada nua,
Que a dar ais vão as Musas cento a cento :

De quem será o embrulho verolento,
Que tão pobre caminha á terra crua,
Envolto n'uma esteira de tabua,
Sem caldeira, sem cruz, sem um *Memento*?

Quem será este heróe, que ja nos foge
Dos Deuses para aquella convivencia,
Que dos Bragas (*) excede a fresca loje?

« Quem será (diz Apollo) oh dura ausencia !
« E' João Xavier, que morreu hoje,
« Abraçado co'a sua paciencia. »

(*) Armazem de vinhos, que ha no Rocio, e de que elle é freguez.

*Parodiando o soneto em que João Xavier de Mattos
descreve o templo d'Amor.*

No templo entrei d'Amor, e inda gelado.
(Tom. 1.º pag. 70.)

SONETO XXXI.

Fui uma vez d'Amor á sacristia,
Que era um quarto int'rior do Talaveiras,
E vi trinta milhões d'alcoviteiras,
Inculcando a safada putaria :

De chichisbéos a tropa alli se via
Encrespando os anneis das cabelleiras,
E descendo-lhe o vinho ás algibeiras
Davam cada facada, que estrugia :

O manso corno então se vai embora,
D'albarda o chischisbéo vi, que trabalha
Por servir como burro a uma senhora :

No tecto estava Amor d'escudo e malha,
Com seis vintens na mão, e a pica fora
Mijando em toda aquella vil canalha.

*Ao Marquez do Pombal quando destituído dos seus
cargos, e mandado para a sua casa do Pombal.*

SONETO XXXII.

Que deshonrem os regios tribunaes
Do Pelle os sanguinarios carniceiros ;
Que sejam contadores, thesoureiros
Os que foram nos furtos parciaes :

Que estraguem os alheios cabedaes
Deputados ladrões ! Que maus canteiros
Se digam architectos ; que os Monteiros
Grão-sultões edifiquem capitaes :

Que o Manopla organista, algoz Manique,
Que da sizania o espalhador Pereira
A aggravada justiça não despique :

Que o capitão do bando ao erguer da feira
Rindo-se da galhofa em Pombal fique,
Pode bem succeder ; mas não me cheira !

Na mesma occasião.

SONETO XXXIII.

Que tirasse o Marquez com mão avara
Do erario d'el-rei o metal louro ;
Que ajuntasse um riquissimo thesouro,
Sem inveja lhe ter, eu desculpara :

A sede insaciavel se fartara
No contracto dos vinhos do Alto-Douro,
Se roubasse ao judeu, ao indio, ao mouro,
E ao rico holandez, não criminara :

Mas o que não consinto, nem approvo
E' da sua ambição dar-nos assumpto,
Assumpo nunca visto, assumpto novo :

Pois não contente do que tinha junto,
Até tirou as lagrimas ao povo
Com que chorar devia o rei defuncto !

*Ações do Marquez do Pombal mais estrondosas, e
amortecidas depois que o mandaram apanhar
pés de burro ao Pombal, decifradas
no seguinte*

SONETO XXXIV.

Erarios, casamentos, jesuítas,
Fidalgos, jacobeos, o novo plano,
Fabricas de chapeos, peças de panno,
E almas tambem no purgatorio afflictas :

Guapos jardins, cascatas exquisitas,
E os toneis, que o Mansilha encheu ha um anno,
Tudo são obras do Marquez paisano,
Umás famosas, outras inauditas.

Muitos por honra, e todos com inveja
Lhe beijaram a mão de gral pezada,
Como se fora um copo de serveja :

Mas elle em fim morreu, sem ser á espada ;
Que um boi dos grandes, por feroz que seja,
Recolhido ao touril ja não faz nada.

*Ao sobredito Marquez, abandonado da Corte, no
seu parreiral, onde manga em tudo.*

SONETO XXXV.

Qual rafeiro, que estando ao sol deitado,
Que os pequenos em pé ouve latindo,
Co' o rabo tezo apenas sacudindo
Enxota as moscas, que lhe tem pousado :

Tal o velho Marquez, no ouro fiado,
Os mordazes satyricos ouvindo,
A' sombra da piedade se está rindo
De quanto agora lhe machina o fado :

Vê livres os fidalgos innocentes,
Acha-se só, não tem quem o soccorra,
Odio mortal de todos os viventes :

Um clama ao céo justiça, outro que morra,
Nada o altera ; chama-lhe imprudentes ;
Filho da puta, gabo-lhe a pachorra !

*Ao mesmo jarreta do Diabo, encaixotado no Pombal,
com dinheiro em barda.*

SONETO XXXVI.

Sim senhores, tem feito maravilhas,
Vai purgando o Marquez o seu peccado ;
E na apprehensão do vulgo amaldiçoado
Todos estes trovões são cascarrilhas :

Tiraram os Mendonças co'os Mansilhas,
Este da feitoria, o outro do prado ;
Nem o estrondoso heróe ja tem ao lado
Mais que a pobre mulher, e uma das filhas :

A sancta imagem de pavor profundo
Tres vezes foi borrada, insulto aquelle
Que a historia nunca deu a ler segundo :

Mas eu trocara co'o Marquez a pelle,
Pois quanto dinheirinho ha n'este mundo
Todo jaz no Pombal nas garras d'elle.

Na morte do Marquez do Pombal em 1782.

SONETO XXXVII.

Apezar dos esforços, que fazia
Por dilatar a vida sempre astuto,
O Marquez do Pombal paga o tributo,
Que desde que nasceu pagar devia:

Na duração eterno parecia,
E o mundo para elle diminuto ;
Se elle foi bom, ou mau, não o disputo,
Que isto toca a mais alta jerarchia :

Sei que mostrou, que todo aquelle enredo
De maximas, idéas, vigor forte,
Acaba de uma vez, ou tarde, ou cedo :

Restam hoje as exequias d'esta morte ;
E para prégar n'ellas o Macedo,
Que está prompto a mentir de toda a sorte.

*Supplica que fazem os Franciscanos, e os Dominicanos
a el-Rei, contra os seus Provinciaes Fr.
Povoa, e Fr. Rocha.*

SONETO XXXVIII.

Por altos, gran' Senhor, sanctos motivos
Ir devem para Angola desterrados
Essa vil, torpe escoria de prelados,
Que á Egreja, e ao Estado são nocivos.

Um Povoa, e Rocha são dous atheus vivos,
Fanchonos, libertinos relaxados,
Charlatães, comedores esfaimados,
De todo o pedantismo dous archivos.

Contados no abono de censores (*)
Com torpe despotismo governando,
Das monasticas leis são desertores :

O seu sancto instituto relaxando,
Vivem sem religião os dous doctores,
Comendo quanto os frades vão ganhando.

(*) Ambos eram membros do Tribunal da Meza Censoria, que o Marquez do Pombal estabelecera para a censura dos livros.

*A Fr. José da Rocha, sendo reconduzido no cargo
de Provincial de S. Domingos.*

SONETO XXXIX.

Continúa Frei Rocha no governo,
Como bom successor de Frei Mansilha,
Com disfarces armou pau de tranquila
Para ser da provincia o Padre Eterno:

Frei Mendonça e Mansilha, no inferno
Desejam lá que chegue esta capilha,
Para de tres armar uma manilha
Nas noutes mais compridas do hynverno:

Deixal-o governar mais quatro annos,
E' preciso que ajunte mais dinheiro,
E que chupe de todo os franciscanos:

Por poupar na jornada o seu sendeiro
Leva sege de graça, e com enganos
O Povia quer levar por bolieiro.

(D.)

*Gasto diario que faz o convento de S. Francisco com o
Provincial Fr. Povia, em diversos pratinhos.*

SONETO XL.

De pratinhos ao Povia tão somente
Mil réis doze se lêem cada semana ;
De certo o contador se não engana,
Que examina os bilhetes diligente :

O pobre guardião é quem o sente,
Por mais que um seu amigo o desengana ;
Vendo que uma despesa tão insana
A esmola ha de chupar-lhe certamente :

Se acaso vai perû, ou vai leitão,
Por inteiro ha de ser, seja o que for,
Alias é descomposto o guardião :

E' do pobre convento o comedor ;
Eis aqui os exemplos, que nos dão
As lições d'este bom reformador.

(D.)

*Ao memorando João Dias Talaia, querendo dar á
estampa em seu nome uns poucos de versos, que
nunca fez, nem tem esperanças de fazer.*

SONETO XLI.

Feito um pote de letras de conserva.
Co' o teu broquel por cima bem tapado,
Brilhas hoje, Talaia decantado,
Filho de Marte, enteado de Minerva :

No regaço das Musas a caterva
Dos zoilos te vê ja dormir cançado ;
Qual, por não poder mais, fica deitado
Burro na lama com seis molhos d'herva !

Cedo verão que para heróe se ensaia
Sobre os folios das tuas poesias
O tolo, que de as ler na asneira caia :

Mas como isto inda pára, em prophcias,
Diga lá quem quizer — « Vide Talaia » —
Que eu sempre hei de dizer: — Sesso, Jan-Dias.

*Ao Doctor João Dias Talaia, requerendo o habito
de Christo pelos serviços do curro da Estrella.*

SONETO XLII.

Sonhou Talaia, heróe das phantasias,
Que um grande alarve n'um paiz remoto
(Talvez fosse o seu preto, que é maroto,
Costumado a fazer patifarias):

Sonhou que o tal, desfeito em cortezias,
Co'um painel entre mãos ja velho e roto,
« Este que vês (lhe diz) feio, e canhoto
E' teu mestre Quixote: — Ouves, Jan-Dias ?

» Elle attesta, que tu és bom soldado ;
Que em Mazagão ja foste prisioneiro,
E na praça da Estrella escalavrado. »

Talaia acorda em ar de cavalleiro ;
E ás portas do Hospital dizem que armado
Fora alli n'uma loja d'albardeiro.

*Aos illustres progressos da tarde em que toureou meu
condiscipulo Talaia.*

SONETO XLIII.

Neto, capinhas, homens de forcado,
E tu tambem, rafada padaria,
Vinde todos cumprir uma obra pia,
Lá no campo da Estrella malfadado :

Alli vereis de lixo enlabuzado
Esse Achilles dos bois, quem tal diria !
Que para vir ás mãos da morte fria
Foi de pernas acima pendurado :

Eu lhe vi dar annuncios verdadeiros
Do seu fim, pois co'o lenço de cambraia
Disse adeus ao cavallo e aos companheiros :

Fazei-lhe tambem vós esta zumbaia ;
Caiu por terra a flor dos cavalleiros ;
Pater noster pela alma do Talaia !

*Ao Talaia, que não teve mais que fazer em Sacavem,
que dar duas tremendas cutiladas em um touro, a
tempo que este já estava morto.*

SONETO XLIV.

Não dês, Talaia, não, contra o preceito
N'esse bruto, que em fim te não resiste ;
Não se estrague o valor n'uma acção triste,
Onde illezo ficou o teu respeito :

Corra embora a cachões sangue do peito
Cada vez que o aggressor no campo existe ;
Mas o boi já morreu, como tu viste,
A's mãos de teu collega (*) em postas feito :

» Cedo já (diz Talaia) já não provo
N'este curro estas armas reluzentes,
Que á historia hão de servir d'assumpto novo :

» Só as fevras, que eu sinto mais ardentes
E' ser isto co'um boi, não ser co'um *Lobo*,
Que lhe abrira a cabeça até os dentes ! »

(*) O mulato do Conde de Obidos.

*Ao mesmo Talaia toureando a vez primeira
na Parada.*

SONETO XLV.

Quem é cá Ferrabraz, ou Dom Quixote,
Nem de Mantua o Marquez, ou Roldão bravo,
Sancho Pansa, Roberto do Diabo,
E toda a mais matula d'este lote?

Quem é Gramato, cavalleiro Pote,
O Alferes mono, narigão de nabo,
Nem Jan-Gomes, que pica os bois no rabo,
Posto que alguns tourêa de capote (*)?

Vossês todos que são, que n'um instante
Vos não leve d'um sopro malha e saia
Do heróe de Sacavem o ardor flammante?

Fugi, bebados, pois, de alguma vaia ;
E vinde á eschola do toureador andante,
O doctissimo, o intrepido Talaia.

(*) Os bois, que João Gomes toureava de capote, dil-o-ha o marido de certa moça que elle namorava, e onde ia quando o outro sahia para fora, etc.

*Ao Talaia acutilando o cavallo, por lhe fugir o boi
antes de tempo.*

SONETO XLVI.

Levantaste *extra-tempus* da catana
Com tal brio, Jan-Dias, tal faceira,
Que o boi foi logo ter dentro á trincheira,
Antes que tu lhe fosses á pavana :

Frustrou-se o golpe, e andando a durindana
Ja nos ares cuberta de poeira,
Só teu filho escapou da viradeira ;
Não tinha de morrer esta semana !

Olá se foi ! mas como estás na posse
Sobre o gado vaccum a quem assustas,
Do ferro lhe brandir, que lhe faz tosse ;

Para em fim renovar antigas justas,
Tu sempre havias dar fosse em quem fosse,
Foi o cavallo quem pagou as custas !

Ao mesmo Talaia, quando perdeu a cabelleira toureando na praça do Salitre.

SONETO XLVII.

Deixa falar o mundo, a qualquer vaia
Não respondas, que o heróe somente briga ;
Pouco importa que o mundo te persiga,
Que tu sempre has de ser Doctor Talaia :

Dirão que és um toureiro d'outra laia,
Que não entras na praça á moda antiga,
E que fingindo dores de barriga
Levas de bruços pernas á facaia :

Digam o que quizerem ; que o desdouro
Com elles ficará ; leve-os a breca,
Que tú lhe has de quebrar bem cedo o agouro :

Mas todos riram bem (foi forte secca !)
Quando te ergueste, livre ja do touro,
A' vista das madamas em careca !

*Ao Talaia, toureando por ultima vez na praça
de João Gomes, onde fez a funcção como
se esperava.*

SONETO XLVIII.

Talaia, que tens tu co'a padaria,
Que a esquentada trincheira em ecco fundo
Desde que ha touros bravos neste mundo
Nunca fez tão blasphema gritaria?

Assim que ao duelo o teu José corria
A escovar-te do alfange o pó immundo,
De pedra e lama um angulo rotundo
A praça entulha ; que aziago dia!

Mas logo á tua audacia, ao teu miolo
Os cafres europêos no ardor do saque
Padrões te ergueram feitos de tijolo :

O Neto em fim clamou, bedel do ataque ;
Nemine discrepante — » Viva o tolo,
Que hoje fez actos grandes de basbaque !

Encontrando a cavallo o mesmo Talaia, que poucos dias antes levara um estrondoso boléo.

SONETO XLIX.

Esgalgado bucephalo montava
O picador, ou peccador Jan-Dias,
E a duros golpes das esporas frias
As oucas tripas do animal furava :

Largo capote, o cabeção lhe ornava
Ouro infiel, que tu, Brasil, não crias ;
E um moço das reaes estrebarias
Em bruto inda peor o acompanhava :

Empertigado o corpo ia do trote,
E ao vel-o campear d'esta maneira
Lhe diz um tal gaiato de bom lote ;

« Ui ! montado outra vez ! famosa asneira !
Já se não lembra o nosso Dom Quixote
Do estrondoso boléo da Panasqueira ! »

*Occasionado pela vista da inscripção NOBRE OCIO, que
João Gomes fez pôr sobre a boca do theatro
do Salitre.*

SONETO L.

Certa noute, c'os pés ao fogareiro,
Deu João Gomes balanço ao seu contracto ;
Calculou grossos lucros de apparatus,
Que inda estão nos poedouros do tinteiro :

Viu o *Nobre ocio* em ocio verdadeiro,
Fallido o jogo, a casa sem barato,
Viu o filho patau de bola chato
Indigno successor d'um pae matreiro :

N'estes vexames, que Bernarda sente,
Busca o Talaia, e as forças relevantes
Implora do seu braço omnipotente :

Que guapo assumpto para o bom Cervantes !
João Gomes tolinando a toda a gente,
João Dias sempre tolo, como d'antes !

*Perguntando o Principe do Brasil D. José — Que
cousa era chanfana?*

SONETO LI.

D'alto barrete, á laia de turbante,
Os braços nus, a faca na cintura,
Co'um pano por timão á dependura,
Trabalha o Isidro, a turco semelhante:

Do elastico bofe inda pingante,
Da barriga do porco alva gordura,
Faz por tal modo uma tal fritura,
Que aos toneis cheios toca a sé vacante!

Esta, principe augusto, é que eu approvo,
Chanfana sancta, assás famigerada,
Com que o turco amotina o vosso povo:

O peor é, que lambe d'estocada
Aos peraltas o seu cruzado novo,
Menos a mim, que nunca paguei nada!

Antiguidade da Chanfana.

SONETO LII.

Depois que ao som do berço me cantava
Velha enrugada modas bolorentas,
A voz soltando pelas sujas ventas,
Q' em vez de somno medo me causava :

Depois que para a escola eu só andava
Expondo-me do mundo a mil tormentas,
E minha avó nas contas já sebentas
Para que eu fosse bom sempre rezava :

Vi até agora em portas de baiuca
Bofes, pimentos, alhos, e cebolas
Em caçoula fervendo já caduca :

Este guisado, pois, de corriolas
A tal chanfana ser ninguém retruca,
Petisco de malsins, de mariolas.

Descripção da Chanfana.

SONETO LIII.

Em pequenas barracas de madeira
No campo do curral vejo espichado
Em torto prego o bofe ensanguentado
De velho boi, já cheio de lazeira :

Alli de Isidro, Almeida, Talaveira (*)
E de outros taes, a quem ergueu o fado,
Todo o negocio foi principiado
Por indigesta gorda forçureira :

Alli de bodegões bando infinito
O seu tassalhão compram de semana,
Que descalços á porta vendem frito :

A qualquer que ali passa o cheiro engana :
Gasta os seus cobres, e depois afflicto
A vomitos conhece o que é chanfana.

(*) Casas de pasto mui nomeadas em Lisboa.

Retrato da casa onde se vende a Chanfana.

SONETO LIV.

Em casa terrea com dous bancos sujos,
Meza de pinho a quem um dos pés falha,
D'estopa em cima sordida toalha,
E de roda fumando alguns marujos :

A porta sempre cheia de sabujos,
E defronte sentada sobre palha
De Guiné, e d'Angola essa canalha,
Vendendo mexilhões, e caramujos :

De louro á porta um grande mólho atado,
Cortina rota, e sobre o fogareiro
Da chanfana o banquete costumado :

Pois quem vir isto assim fuja do cheiro,
Que se entrar por querer d'este guisado
Sairá sem comer, e sem dinheiro.

Retrato do Mal-cosinhado.

SONETO LV.

Lá onde d'antes era situada
Essa antiga Ribeira, em negras choças
Estão vendendo enlabuzadas moças
Arroz com açafão, sardinha assada :
Soccos nos pés, as pernas sem ter nada,
Roupinhas de baeta, argolas grossas,
Aos tostões dos galegos fazem mossas
Co'o feijão, com a isca, e co'a canada :
Alli de humilde boi já esfolado
O molle bofe se lhe vai frigindo,
E em prato o põem, que nunca foi lavado :
Toda a plebe á chanfana vai surgindo ;
Mas depois saem d'este coe damnado
Ora dando encontrão, ora caindo.

*Feito por auctor anonymo, e dirigido ao Principe D.
José, sobre o mesmo assumpto do soneto LI. (*)*

SONETO LVI.

Se um veloz javali, que vai fugido,
Vossa Alteza seguisse, e por acaso
Por caminho embrenhado, e pouco raso
D'arbustos cheio, e mattos desabrido :

Se por matal-o em fim, tendo corrido
De distancia, e de tempo um longo praso,
Perdido dos criados, n'este caso
Na choça d'um pastor fosse acolhido :

E se o pobre pastor, tendo primeiro
Alhos, sal, e pimenta na cabana,
As entranhas frigisse de um carneiro :

Falto de fiambres, já crescendo a gana,
(Negra é a fome !) talvez já pelo cheiro
Vossa Alteza soubesse o que é chanfana.

(*) Pareceu conveniente reunir aqui, posto que de auctores diversos, esta e as seguintes composições, dirigidas todas ao mesmo assumpto, e feitas na mesma occasião.

Ao mesmo assumpto.

SONETO LVII.

Comprada em ascoroso matadouro
Sanguinosa fressura, quente e inteira,
E cortada por gorda taberneira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'ouro:

Cabeças d'alhos, com vinagre e louro,
E alguns carvões, que saltam da fogueira,
Fervendo tudo em vasta frigideira
Co'os indigestos figados do touro:

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá um sabor, que nem o demo o atura:

Isto é chanfana; e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-ia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

(Nicolao Tolentino d'Almeida.)

Ao mesmo.

SONETO LVIII.

Não é esta, senhor, a de que fala,
A chanfana do figado do touro,
Nem se aduba com alhos, nem com louro,
Como o tal Tolentino quiz pintal-a :

Uma carne, que deixam de sangral-a,
Mais ascorosa que a do matadouro,
Com toucinho, que o ranço fez cor d'ouro,
E pedregoso arroz, que o dente estala :

Carneiro resequido, e não assado,
Galinha, que mais conta que anno e dia,
Com os seccos pasteis sem ter picado :

Eis aqui de que fala a fidalguia ;
Isto é chanfana, insipido bocado,
Que forjam os cyclopes da ucharia,

(Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmiento.)

Ao mesmo.

SONETO LIX.

Tolentino, senhor, foi quem traçou
Da chanfana o retrato natural;
Bem que sem pimentão, toucinho, e sal
Muito mal o guizado temperou :

Lobo apenas o Isidro nos pintou
De turbante adornado, e de avental;
Posto que uma imagem tal e qual
Da mais fina chanfana nos mostrou :

Pinto toma os pinceis da phantasia,
E subindo ao sentido figurado,
Foi colorir as fezes da ucharia :

Seu quadro é bom; seria consumado,
Se a sua tão creança fidalguia
Não tivera no quadro respirado !

(Luis Joaquim da Frota.)

Aos Capelistas, por affectarem todos de sabios.

SONETO LX.

Quem diremos que é este ajuntamento
De tão basto casquilho afrancezado?
O Massa deixa ja embasbacado
Do Talaveiras o alto parlamento!

Um dobra a perna, outro um cumprimento
De *bon jour*, *bon soir*, vomita inchado;
E o pobre portuguez, que está calado,
De ginja apenas lambe o tractamento:

Quem são estes, que aos mais notam mil faltas?
Censores de bilhar, panegyristas
Da opera; do café, de danças altas?

Pois não tens que saber; quantos avistas
Nunca passam de uns poucos de peraltas,
Uns marotos de merda, uns capelistas.

*Descripção dos caixeiros dos Capelistas ao
virem para Lisboa.*

SONETO LXI.

Um rapaz a gritar, como um cabrito
Com saudades da mãe sobre o vallado,
Que entre duas canastras vem sentado
Em burro d'almocreve ancioso, afflicto ;

Co'um rosario ao pescoço mui bonito,
Descalço, de barrete, e de cajado,
Co'um saco á cinta, aonde traz (coitado)
A sua codea, e o seu bacalhau frito :

Posto a pé este misero mamote
Ora treme, ora chora, ora encordõa,
Um lhe prega um sopapo, outro um calote :

Pois esta figurinha, ou má, ou boa,
Faz qualquer capelista franchinote,
Quando vem do sertão para Lisboa.

*A certos peralvilhões do Erario, que sendo quasi
tudo uma marotada, querem affectar
sciencia e gravidade, como pessoas
de muito respeito!*

SONETO LXII.

Vossês não me dirão (valha a verdade)
Que gente é esta, ha pouco apparecida,
Toda authentica, toda presumida,
Que são os paes e avós da gravidade?

A casaca maior que a eternidade,
Com forro de setim, feição comprida,
Onde o seu canhão mór leva embebida,
Larga veste, calção bem á vontade?

O chapeo, que fez paz co'a cabelleira,
E em tudo segue o methodo contrario
D'esta nossa armação da frigideira?

Mas ta, ta, que pergunto? Eu estou vario ;
Ja entendo, isto é cousa que me cheira
A mestre em dança, ou aprendiz do Erario !

Aos novos petimetres, que affectando saberem falar francez, querem por isso caber com todas as damas.

SONETO LXIII.

Hoje ouvi um francez, cuja loquela
Fingia bem francez, d'este d'agora,
Que lá no cáes dizia a uma senhora:
Madama, Monsieur, caspite, bella!

Tanto aqui repizou, que a tal michella
Ficou embasbacada mais d'um' hora;
Porque o maroto, ao passo que a namora,
Hermaphrodita foi fazendo d'ella:

Quiz este asno, que assim o estou suppondo,
Como em grozas de linguas pôr n'um fio
Da Europa toda o circulo redondo:

Mas eu, que de estrangeiros desconfio,
Sempre ao estilo hespanhol cá lhe respondo:
« Bese-me usted nel culo, señor mio. »

*Aos que andam dentro nas seges lendo por livros, que
fingem francezes, e que ás vezes por seus peccados
nem sabem ler um sobr'escripto.*

SONETO LXIV.

Que doctor será este arrebatado,
Que inda mais corre do que um galgo atura ?
Deve ter precisão de litt'ratura,
Que elle vai a estudar muito apressado :

Algum Mappa da Corte abbreviado
Talvez que seja o fim d'esta leitura ;
Porque beco não ha, nem parte escura
Que o peralta não tenha atravessado :

Para que é, senhor tolo, o seu ensino ?
Não vê que anda a gastar tempo, e dinheiro,
A correr, e a estudar, sem tom, nem lino ?

Ora mande parar o bolieiro,
Que quero que me lêa um *O* latino,
Que trago aqui impresso no trazeiro!

Ao partirem as tropas para a guerra em 1762.

SONETO LXV:

Ide, novos heróes, ide, e Mavorte
Vos reja o coração, vos guie o passo,
Porque seja outra vez pequeno espaço
O mundo inteiro ao vosso alento forte :

Ide com fausto auspicio, e queira a sorte
Dos inimigos no destino escasso
Converter em trophéos cada ameaço,
Reduzir a triumphos cada cóрте :

Ide em fim ; mas se acaso o medo abala
Algum pobre cadete, que se encova
Ao zunir d'uma bomba, ou d'uma bala :

Desatae-lhe os calções, dae-lhe uma sova,
E que vá para o Porto fazer sala
Ao grande Cabo mór de Villa Nova.

*A' tormenta de pelles, que caiu em Lisboa por toda a
casta de corpo, no anno de 1764.*

SONETO LXVI.

Arre com tanta pelle grossa e fina,
Branca e preta, de toda a variedade!
Dar-se-ha caso que tal monstruosidade
De ratazanas fosse alguma mina?

Onde irá isto dar? Ninguem atina
Se ha mudança na gente, ou na cidade;
Porque a terra pertence á christandade,
Mas o traje é sujeito á Palestina:

Quem me dera ver lá para o estio
Se de pelles de lixa, ou de sardôa
Apparece algum traste no Rocio?

Pobres ratos, prégaram-vol-a boa!
Que em Londres e Paris andaes ao frio,
Por cubrir os peraltas de Lisboa!

*Aos philosophos de caldo de unto e broa, que saíram
da Inquisição em 1778.*

SONETO LXVII.

Que sectarios nutrisse a antiga Roma,
Verdugos capitaes da tenra Egreja ;
Que enxugue Londres rios de serveja,
Que venda o bacalhau, que a carne coma :
Que um sepulchro flammante ao seu Mafoma
Façam turcos, e mouros, vá que seja ;
Tem Turquia algodão, que lhe sobeja,
Cêra a Mourama, que isso não tem somma :
Mas que de Portugal livres-pedreiros,
Que á fé christan abrissem o jazigo
No sordido paiz dos sardinheiros !
E' caso raro : cheguem-se ao castigo,
Que a maior pena para os taes broeiros
Era obrigal-os a comerem trigo (*).

(*) A respeito do facto a que allude este soneto, lêa-se a nota 2.^a no fim do volume.

*Descripção dos novos maltezes, que tem apparecido
em Lisboa, bem fora do que nós esperavamos, ou
como lá dizem, de bamburrio.*

SONETO LXVIII.

Sáe um nosso maltez a todo o trote,
E leva á cinta a modo de façanha
O vulto ardente do leão d'Hespanha
Encavado na folha de um serrote :

Ali vai um chapéo d'excelso lote,
Que ás chaminés de Cintra altura ganha,
Traz por vestia um xairel, talvez com manha
D'atirar, como gente, o seu pinote :

As calças nos botões tem um bom masso
De contas por benzer, e o fraque entrega
Ao duro hynverno o rigido espinhaço :

Da bolsa nada sei ; mas não se nega
Que um pezo de relógio no cachaço
Impõe muito onde quer que um tolo chega.

*Definição dos maltezes atravessados, quero dizer, dos
portuguezes amaltezados,*

SÓNETO LXIX.

Um vulto, cuja forma desconso-la
Pelo muito que mostra o pouco siso,
E que pela pobreza do juizo
Mil trastes exquisitos desenrola :

Chapéo, que bem carrega um mariola,
E que ainda aos sisudos causa riso ;
Casaquinha cortada d'improviso ;
Fivela, que lhe vem de sola a sola :

Espantalho, que em praça nunca falta,
Sem ter occupação nem má, nem boa,
Que apenas moça vê, logo lhe salta :

Eis aqui, sem medir qualquer pessoa,
Breve quadro de um misero peralta,
Que affecta de maltez cá em Lisboa,

*Descrevendo as manhas e qualidades de alguns, que
querem câmpar de tafues.*

SONETO LXX.

A's moças na comedia ir dar revista,
Visitar um por um os camarotes ;
De fidalgo arrotar, saber seus mottes,
De tudo decidir co'uma só vista :

Das funcções arlequinas ter a lista,
No whist a tudo o mais chamar pexotes ;
Pregar aos arrieiros mil calotes,
Lograr o mercador, e o capelista :

Vir sempre de tomar chá com senhoras ;
D'uma ser mano, d'outra primo ou filho,
Andar a pé, porem de vara e esporas :

Minuetes rosnar por estribilho ;
Recolher por officio fora d'horas ;
Chama-se a isto ser tolo, ou ser casquilho ?

*Quando appareceu a moda dos chapéos maiores da
marca.*

SONETO LXXI.

Amigo e senhor meu, de França ou Malta,
Um chapéu mande vir a toda a pressa ;
A copa, que me ajuste na cabeça,
E as abas na forma a mais peralta :

A detraz que me fique muito alta ;
A presilha e botão, pequena peça ;
Estimarei que d'isto não se esqueça,
Que a demora me faz bastante falta.

Gósto muito do invento, é bem traçado,
Porque vi no Loreto inda outro dia
Muito povo a correr para o Chiado :

Para vêr um senhor (quem tal diria !)
Co'um chapéu de tal forma desmarcado,
Que nem a gente a pé passar podia !

(D.)

*Descripção d'estes senhores, chegados á alta nobreza,
que com o titulo modesto de Escudeiros padecem
as inclemencias, que aponta o seguinte*

SONETO LXXII.

Dar o braço na sege a uma senhora,
Trotar em um sendeiro esgazelado,
Engolir um jantar mal temperado,
De descanso não ter sequer um' hora :

Ouvir a meia noute lá por fora
Em uma sala posto, estatelado ;
Sofrer no hynverno um frio arrenegado,
No verão uma calma abrazadora :

Ter por cêa um pratinho de salada,
Que de azeite somente traz o cheiro,
Ou de arroz com manteiga um quasi nada :

Sentir eterna falta de dinheiro ;
A boca para tudo ter calada ;
Eis aqui o que é ser escudeiro.

*A um mariola do Porto, que por ser patife deitaram
fora da Companhia dos Vinhos, em que
era Secretario.*

SONETO LXXIII.

Este que vês, de orelha dobradiça,
Doctor em malas-artes graduado,
Foi em quanto durou tempo dourado
O fiscal mór das rolhas de cortiça :

A pipa, a cuba, a dorna, a lagariça
No seu imperio tudo foi queimado ;
Agora eil-o ahi jaz, e em tal estado
Que nem vinho ja tem para uma missa !

Ponham-lhe a borla, ajustem-lhe o capello,
Mas enterrem-no logo, e é necessario,
Antes que entre a basofia a corrompel-o :

Leve cada vendeiro um breviario,
E vão todos rezar ao Cabedello
Pela alma do seu grande Secretario.

*Ao Cavalleiro do Acaso, denominado negociante,
expulso da Companhia dos Vinhos pelas suas
lindas obras, e cujo avô foi sapateiro.*

SONETO LXXIV.

Co'um penedo ao pescoço pendurado
Lá vai um dar co'os ossos na Ribeira,
Sem bastão, sem chapéo, sem cabelleira,
A morrer pelos vinhos afogado :

Torna atraz, Manuel, olha que irado
Acheronte ja vem d'alta vizeira,
Conduzir-te no barco da carreira
Para seres no inferno ex-deputado !

« Sim senhor (acenando co'a cabeça
Diz o bebado) abraço este conselho,
Porque em fim variei com a tal peça :

« São Crispim, tendes um frontal vermelho,
Se me pondes de assento na tripeça
Que foi timbre das armas do meu velho ! »

Lamenta o auctor os costumes do seu tempo.

SONETO LXXV.

Acabou de Lisboa a seriedade,
Ja não ha nas mulheres honra e brio,
Os peraltas com feio desvario
Tem feito escandalosa esta cidade :
Do negocio faltou a san verdade ;
O recato se vê campo baldio ;
A sancta religião pende d'um fio,
Pois se nega da pena a eternidade :
As praças se veêm hoje frequentadas
De damas, que nas culpas são primeiras,
Pelos braços dos homens enlaçadas :
Para isto se roubam as algibeiras,
E só são qualidades estimadas
Cornos, putas, ladrões, e alcoviteiras.
(D.)

A' villa de Guimarães, que é a patria do auctor.

SONETO LXXVI.

Olha tu, Guimarães, das cortes velhas
Nenhuma a primazia te disputa ;
Ainda que baixa, és terrinha enxuta,
Onde são bem chuchadas as botelhas :
Panellas, soccos, nabos, e cernelhas
Do paiz foram sempre a melhor fructa ;
Só dos dous animaes o frade, e a puta,
Podes ter d'alquiler tres mil parelhas !
D'ahi vem os heróes de marca e sello,
Que indo as honras buscar do chão acima,
Acabam laureados de capello :
Assim Jove immortal, que os bons estima,
Te ponha a mesma mão pelo cabello,
Que pôz ha tempos em Calhau de Lima (*).

(*) Cidade do Peru, quasi destruida por um terremoto em 1746.

*A uma Academia feita por alguns curiosos na
villa de Guimarães.*

SONETO LXXVII.

Mil parabens te dou, oh patria amada,
Victor serio, deixemos zombaria,
Pela raça da nova poesia
Que tão castiça tens, tão propagada !

Parabem seja aquella barrigada
Que de poetas encheu a academia ;
Se deu treze por duzia, e a demasia !
Sancto Antonio abençõe esta ninhada !

Ninguem julgue ser erro do lunario
Que essa terra sem tempo, e sem semente
Produzisse um bom fructo litterario :

Que o brotar tanta Musa de repente
Foi enxerto, que fez o Secretario
Na corcunda do docto Presidente.

*Ao tractamento de Senhoria, que os fradinhos de borra
dão uns aos outros em certo Tribunal d'esta
miseranda Corte, que os atura (*).*

SONETO LXXVIII.

Que leve uma ministra uma excellencia,
A pobre freira a sancta senhoria;
E aquella, que rodar na jerarchia
Que alcance com fé viva essa indulgencia ;

Vade in pace ; que em fim hoje é prudencia
Tres furos levantar a fidalguia ;
E uma moça que está posta em franquia
Sanctidade merece á consciencia :

Mas um zote, um fradelho (eu banzo !) agora
Senhoria ha de ouvir em tom bizarro,
Porque sabe francez, porque namora ?

Arre, que isto é calote ! Eu não lh'a escarro,
Nem d'estes termos saio para fóra .
« Guarde-o Deus, senhor P.^o Fr. Masmarro ! »

(*) A Meza Censoria.

*Aos avarentos, que levam a vida inteira a enthesourar,
para deixar aos herdeiros.*

SONETO LXXIX.

Maldieto seja, seja excommungado
Aquelle horreudo misero jarreta,
Que cheia de dobrões tendo a gaveta
Nem somente um real dá emprestado !

Permitta o céo, que a moça e o criado
Algum furto lhe façam com tal treta,
Que o miserrimo vil como escopeta
Arrebente d'estouro exasperado !

Veja em fim por castigo derradeiro
Quando estiver já quasi moribundo,
A festa, que se faz ao seu dinheiro :

E padecendo as penas do profundo,
O Diabo lhe conte quanto o herdeiro
Se regala com elle cá no mundo !

*Propensões do astro, que influe na decantada povoação
de Villa-Real.*

SONETO LXXX.

Patria de valentões, paíz guerreiro,
Só tu, Villa-Real, contigo falo ;
Vão Pansas e Roldões jogar o talo,
Ou vão na tua escola andar primeiro :

Quem ha que os teus aguarde no terreiro,
Se até São Jorge foram desmontal-o,
Pois indo nas mais terras a cavallo
N'essa é capucho o sancto cavalleiro !

No triumpho de Baccho a villa armada,
Uns com brancos arnezes, outros tintos,
A's moças todos dão sua assaltada :

Fez-lhe Baccho os broqueis, compoz-lhe os cintos,
E soltou-lhe um pendão co'esta fachada:
« Todos são pobretões, mas mui distinctos. »

A um tripeiro bolonio, que com todos os seus cinco sentidos e tres potencias namorava uma rapariga maneta da mão esquerda.

SONETO LXXXI.

As antigas historias turbulentas
Dizem, que vira o seculo dourado
Um homem de cem mãos agigantado,
Que n'ellas vinha a ter unhas quinhentas:

Ora um d'estes, se as garras avarentas
N'Azambuja affizesse a um bom cajado,
Que bolças não teria amarfanhado,
A quantos não quebrara ambas as ventas?

Assim, tripeiro, a manetinha bella
Com braço e meio, que no manto esconde,
Nu e cru te ha de pôr, que isso póde ella:

Não ouças, não, a voz que te responde
Que se pobre te vir, de mando d'ella
Has de ir logo beber, bem sabes onde.

*A um denominado poeta (por nome Albino de Sousa),
que satyrisou em um soneto aos Cavalheiros do
Minho o uso dos seus volantes.*

SONETO LXXXII.

Viste já, meu sarrafaçal poeta,
No ar ao longe a cauda dilatada
De um phenomeno triste, que assustada
Deixa a gente brutal, e a circumspecta?

Pois as mesmas más novas te acarreta
O volante, que vês de mão armada,
Que do chicote a estriga desatada
Do teu cu vem a ser fatal cometa:

Póde ser que assim seja, e elle ha milhares
Que passado tem já estas tormentas
Dos que Albinos se chamam, sendo Alváres:

Porem tu dos *volantes* te espaventas,
Porque dando no sesso aos calcanhares
Vão d'ali apontando ás tuas ventas.

A certo poeta nosso conhecido, que abandonou umas mocetonas, depois de ellas o terem ja depennado, sem as desfructar, nem ainda por manuscripto.

SONETO LXXXIII.

A ti mesmo venceste, alto Moledo,
Não ha mão contra ti, que hoje se bula ;
Tarde foi ; mas *in rebus* de matula
Sempre os tafues te apontarão ao dedo :

Beber mandastes essas mães do enredo (*)
Donas á noute d'excellencia nulla ;
O pác é gebo, a mãe é uma fula,
Assim eu viva, que lhe tenho medo :

Ora eu hei de assentar que não consigo
Um beijo ao menos de uma moça bella,
E o meu dinheiro a arder? Forte castigo !

Arre ! que opio ! Não caio na esparrela ;
Sou o *seu tudo*, e nada faz comigo ?
Mijei no parentesco, e caguei n'ella.

(*) São as Cabelleireiras, que moram na rua dos Correiros, adiante do Torres.

*A' nimia sécia do escrivão João Manuel de Pontes,
ostentando ser o mais illustre escrivão que tem ap-
parecido, desde os Evangelistas até estes tempos.*

SONETO LXXXIV.

Oh tu quem és, que vens n'esse carrinho,
Com mais estrondo que o ferreiro Brontes?
Se não és o escrivão Fulano Pontes,
Então seja o que for não adivinho!

Fidalgos e plebeos em desalinho
De aturdidos já têm parches nas fontes,
Que tu rodas aqui, e em Traz-os-Montes
Lá se escuta da sege o redemoinho.

Que importa ralhe algum zoilo maldicto,
Se levas no teu carro a todo o trote
De bastardo do sol o sobr'escripto?

Ora faze uma festa a Dom Quixote,
Que dando um rocim podre ao Peixe-frito,
Poz-te em Lisboa a ti de paquebote!

*Descreve o modo como em nossa terra se obsequiam
os finados.*

SONETO LXXXV.

Aberta da janella uma só greta,
Os herdeiros com caras de lapuzes,
Tocar os sinos, accender as luzes,
As paredes cubertas de baeta :

O que não tem legado mui pateta,
Septe pendões, e outras tantas cruzes,
Quatro gatos pingados com capuzes,
Mas a Ordem Terceira é que acarreta :

Os clerigos cantando (do que comem)
Sacristães, cerofrarios, mais adjuntos,
A um carneiro o levam, onde o somem :

Os parentes chorando todos juntos ;
Os amigos dizendo — « Era bom homem ! »
Eis aqui toda a honra dos defuntos !

A um Coronel, que queria recrutar por vingança de paixões particulares os rapazes mais bem feitos.

SONETO LXXXVI.

Coronel por patente, e por peccados,
Se a força queres pôr em grande augmento,
Manda a mulher preencher o regimento,
Terás n'elle bellissimos soldados :

D'herões valentes, déstros, e apurados
Ficará um vistoso acampamento,
Nem duvides lhe falte o sortimento,
Que alguns servem que estão aposentados :

Das listas, que inda tem incompletas,
Fardar pode uma turba façanhosa,
Sem que Apollo se queixe aos seus poetas :

Eu em fim tocarei caixa estrondosa,
Se os teus cornos servirem de vaquetas,
E de tambor a pelle da aleivosa.

Descrevendo as varias inclinações dos frades.

SONETO LXXXVII.

Desterrado murmura o Jesuita,
O Dominico seu logar pretende,
O Nery *Novos Methodos* defende,
E ás ricas confessadas faz visita :

Intrometter-se o Grillo premedita ;
O Cruzio, que está só, francez aprende,
E em casa do juiz, de quem depende,
Entra com pés de lan o Carmelita :

O Capucho no estrado toma assento,
Exorcisma, e responsa qualquer damno,
E depois sempre traz para o convento :

O Loio é foso, triste o Graciano,
Tolo o Bernardo, comedor o Bento,
O Franciscano, em fim, é Franciscano,
(Paulino Cabral, Abbade de Jazente.)

Resposta de Lobo ao antecedente, pelos mesmos fins.

SONETO LXXXVIII.

Que lhe importa ao Abbade o Jesuita?
Do Nery, ou Dominico que pretende?
Vá cuidar nas ovelhas, que defende,
Que pode no bispado haver visita :

Saber quer o que Grillo premedita,
E que francez é o que o Cruzio aprende?
E' darem-lhe às lições, de que depende,
Para o metterem leigo Carmelita.

Não torne a fazer outra, que eu assento
Que do sancto cordão sentirá o damno.
Se inquietar o Capucho no convento :

Podem muito o Bernardo, e o Graciano ;
Não se metta co' o Loio, deixe o Bento,
E vá beijar no cu ao Franciscano.

2.^a resposta ao Soneto de Paulino, feita por auctor anonymo.

SONETO LXXXIX.

Ainda, amigo, não veiu o Jesuita,
Vingar-se o Dominico em ti pretende ;
O Nery não, porque esse só defende
Os bens do moribundo a quem visita :

O alfacinha do Grillo premedita
Fazer tudo em sellada, e é só o que aprende ;
Calou-se o Cruzio ; mas como depende,
Manda as botas de mimo ao Carmelita :

O Capucho nos soccos fez assento
De moêr em despique a tantos damnos
Um tropel de diabos no convento :

Ralha o Loio, emmudece o Graciano,
O Bernardo escoucinha, amûa o Bento,
E' sempre cara d'aço o Franciscano.

*A' estatua equestre d'el-rei D. José, inaugurada
em 6 de Junho de 1775.*

SONETO XC.

Aquelle é el-rei? Sim, é o rei aquelle,
Que subindo a cavallo o céo procura;
Quiz o Marquez lá pol-o em tal altura,
Que a seus ouvidos só chegasse elle:

Falar-lhe alguém por mais que se desvele,
Bem que fosse gigante na estatura,
Tinha de lhe falar por conjectura;
La vai el-rei, não ha a quem se appelle:

Mas eu quero falar-lhe, eu não sou mudo:
Ah senhor! ah senhor! Tenha a bondade
De ouvir o que lhe fez o cabeçudo:

Olhe, a justiça, as leis, a san verdade
Tem ido pelos ares como tudo,
E até por fim vai vossa magestade!

Por occasião dos festejos que se fizeram, quando se collocou no Terreiro do Paço a estatua equestre.

SONETO XCI.

D'artilheria as salvas estrondosas,
Continencias de Marte as mais polidas,
Luminarias, funcções muito luzidas,
Odes, canções, sonetos, suas glosas :

As eloquentes, bem ligadas prosas,
Carros triumphantes, danças bem tecidas,
De fogo espheras cá da terra erguidas,
A fartura das mezas tão gostosas :

A alegria do povo, que o protesta,
Digno ao rei, n'essa estatua levantada,
Não é muito louvor ; juro-o por esta !

Porque a todos está communicado
Que havia sempre haver festa, e mais festa,
E ainda assim não ficava festejado.

A' alluvião de maus versos, que appareceram por occasião da inauguraçõ da mesma estatua.

SONETO XCII.

Trovejaram os poetas de manada,
E seguiu-se uma chuva muito fria
De versos, que no campo da poesia
Mui grande perda fez co'a enxurrada :

Mandou Phebo chamar toda esta asnada,
Para os corrigir d'isto, e da ousadia
De falarem na estatua, que devia
Por elle unicamente ser louvada :

Foram á correcção centos e centos ;
E tendo-os Phebo em pé, e á mão esquerda,
Os reprehendeu de seus atrevimentos :

Perdoou-lhes por pobres a tal perda,
E o mais pelo bom fim de seus intentos,
E somente os mandou beber da merda.

A's obras em prosa, que na mesma occasiao se publicaram.

SONETO XCIII.

Completa dos poetas a visita,
Voltou Apollo a visitar a prosa ;
Entra a rever a historia volumosa,
De Barros, a quem Brito louva, e imita :

Leu a anonyma carta feita ao Quita,
E os escriptos mais da puritana troça,
Pinto Palma, Garção, Bandeira e glosa,
Phrase do Sousa, que por Barros grita :

Gostou muito dos termos puritanos,
Louva as obras, porem somente emenda
Dicções, que tinham já centenas d'annos.

Quero dizer, que ao uso só se attenda ;
E Clio notifique aos taes maganos
Não usem phrase, que se não entenda.

*Ao Sousa, e ao Monteiro, julgando-os auctores dos
sonetos XCII, e XCIII.*

SONETO XCIV.

Invoco de mil Musas a influencia,
E o patrocínio d'um milhão d'Apollos;
Quero desenganar estes dous tolos
Por descargo da minha consciencia:

Cheguem, basbâques, tenham paciencia;
Venham novas ouvir dos seus miolos;
D'esses que vossês julgam firmes polos
Sobre que gira o mundo da sciencia:

Jaz no ar o miolo do Monteiro;
No bispote, nas meias, nos sapatos
O miolo do sordido Engenheiro:

E julgam dos poetas? são bem patos!
A' merda, á merda manda-os o livreiro,
Quita, Alvarenga, Pedegache, e Mattos.

*A Manuel de Sousa, julgando-o auctor
do soneto XCII.*

SONETO XCV.

Uma devassa o deus Apollo abriu,
D'um soneto, que corre a quatro pés ;
Falou-se no Monteiro, e no Cortez,
Mas a verdade em fim se descobriu :

Monteiro testemunhas produziu,
Com que esta tal opinião desfez ;
Ficando em prova que um tal Sousa o fez,
Ser o primeiro em cuja mão se viu :

Determinou-lhe o deus tempo capaz,
Para poder mostrar perante nós
Tudo o que a bem do seu negocio faz :

Nenhuma prova concludente oppoz,
E o deus o condemnou por incapaz
A sentar-se na loja do retroz.

*Do auctor dos sonetos, vendo que tornavam as culpas
ao Sousa e ao Monteiro.*

SONETO XCVI.

Publicada a sentença, que em visita
O rectissimo Apollo havia dado,
Mattos foi d'hypocondria atenuado,
Redobrou-se a sezão ao magro Quita :

« A mim ! a mim ! » o Pedegache grita,
E um talho deu no ar, porem baldado ;
Co' o vermelho capello encarniçado
Brama Alvarenga, e a perna se lhe irrita :

Juntam-se em fim na loja do livréiro,
E merdosos sonetos vem sahindo,
Ao innocente Sousa, e ao Monteiro :

Para quem tem juizo o caso é lindo !
Vendo-me, auctor dos versos verdadeiro,
Em socego, dos cinco todos rindo !

*Ao Conde de S. Vicente, Commandante da companhia
dos Guardas-Marinhas. (*)*

SONETO XCVII.

Pariste um bando de cagões ladinos,
Oh São Vicente, sem gemer co'as dores ;
E n'esta putal corja de tambores,
Tens um serralho de cações indignos :

Reges dos vastos mares os destinos
Por decretos dos Numes sup'riores ;
E sendo tu menino entre os doctores,
Vieste a ser doctor entre os meninos :

Mil Esteíreiras tens ; consiste a manha
Em conserval-as, sem com força impia
Dar ao Mestre de Campo morte extranha :

Se o fazes, temos outra romãria ;
'Tu partes de Lisboa para Hispanha,
Elles do Arsenal para a Casa Pia.

(*) Para melhor intelligencia d'este soneto, veja-se a nota 3.^a no fim do volume.

*Ao unico freiratico que tem Lisboa, montado em um
cavallo tão velho como elle, e sempre de passeio pela
frente d'onde estão os seus religiosos amores.*

SONETO XCVIII.

Picador da outra vida, eu te esconjuro,
Feio espantallo de homens e mulheres,
Que peccado é o teu? Dize, o que queres,
Da parte do Talaia e do Maduro!

Se tens algum legado mal seguro,
Se algum posto de Mazagão requeres,
Voltarás ao outro mundo feito alferes,
Da viagem com tença, e com teu juro:

« Tal não ha (diz o duende em forma humana)
Faz-me vir a Lisboa amor venereo
Por ser tolo uma vez cada semana. »

Disse, e tangendo á vara o potro aereo,
Foi visto aos couces no adro de Sancta Anna,
E alta noute ir jazer ao cemiterio.

*Genealogia do poema a Estupidez, descripta
nas clausulas d'este*

SONETO XCIX.

Era alta noute, tudo repousava ;
Só de dores o Demo acommettido,
Mordendo os negros beiços encolhido
Os esqualidos olhos não grudava :

A mulher n'estes transes acordava,
Perguntando o que tinha a seu marido :
« Que hei de ter? tenho o ventre empedernido ! »
E n'isto as sujas costas lhe virava.

Salta a mulher da cama, e por começo
Um clister lhe prepara dos melhores,
E espera para ver o seu successo :

Picam no Demo muito mais as dores :
Espreme-se, faz caras, abre o sesso,
E caga a *Estupidez*, e os seus cantores (*).

(*) Por muito tempo se julgou que este poema era obra de dous differentes auctores.

A um boticario do Porto, chamado Mena, muito
afrancezado, e que andava sempre de
capa e volta.

SONETO C.

Quem é este, que traz a mão ao peito,
Em ar de grande, phtisico o semblante,
Todo abbade-romano caminhante,
De mala atraz, aos cabeções sujeito ?

Inculca no que ostenta que tem geito
De ser nos *Entrevados* praticante ;
Que em meia cirurgia, e um pouco avante
Nos mostra ao longe um varão perfeito :

Pois ali onde o vês, feito hervanario,
Jaz o Mena, que alem da fidalguia
E' um francez da Beira extraordinario :

Ora estimo : — ahi vai a cortezia :
« *Serviteur*, senhor mestre boticario,
Caguei-me todo em vossa senhoria ! »



*A' fastidiosa matula dos mais celebres estultos de
primeira classe, de que se compõe ainda Lisboa,
não obstante o tragico fim que muitos
tem tido.*

SONETO CI.

Vai-se extinguindo em fim essa inaudita
De tolos raça em desiguaes refregas ;
Que ha duzia e meia d'annos que o Piegas
Deixou o mundo, e toda a corte afflicta :

A prégar, e a beber se precipita
O grão Valverde, monge das adegas ;
Morreu depois o pontual Venegas,
E o Potreiro, *ali-quando* Carmelita :

O estrago do furioso Peixe-frito
Levou Jan-Gomes do hospital á raia,
Poz Gonçalo de Sá n'este districto :

Mas inda assim a corja não desmaia,
Que inda vive e navega illustre Brito,
Alpoim, Camelão, Queijo, e Talaia.

*Ao Doctor Camaleão, apparecendo com uma vestia
e calção de veludo, que ja em outra epocha ti-
nham andado em segundo espinhaço.*

SONETO CII.

Vossês não me dirão, que sabem tudo,
D'onde vem o esplendor com que se tracta
O inerte Camaleão, d'onde esgravata
Para vestia e calção tanto veludo?

Elle é das moças postilhão patudo,
De cana da India com ferrão de prata ;
Elle no aureo espadim, crespa gravata
Bota abaixo o mineiro mais sisudo :

Nem me digam que faz commercio vasto
Na aula menor (*) ; que a um louco tão varrido
Não entrega um rapaz nem seu padrasto !

Mas do que alguns se têm já persuadido
E' que o dinheiro em ser, e o do seu gasto
A vender cachações tem adquirido.

(*) Já foi mestre de meninos na rua de S. Bento.

*Leilão, que faz o actual chefe dos asneirões Camaleão
Cortez, arvorado ajudante da Porta de Alemquer
perrexil dos fidalgos israelitas d'este reino.*

SONETO CIII.

Quem houver de lançar em massas finos
D'escarros, pontapés, e cacholetas,
Com seus jogos de pulhas, e outras pelas,
De gente ociosa, de mangões ladinos :

Quem se quizer surtir com desatinos
D'esta fabrica nova dos patetas,
Duzias mil achará, grozas completas,
D'empurrões phariseus, couces rabinos :

Piparotes nazaes quasi de gratis,
A asneira insulsa, a logração vazia,
Soquetes novos, velhos disparates :

Não falte quinta feira ao meio dia,
No armazem, que está junto dos Orates
De Monsieur Camelão e companhia.

Aos MM. RR. PP. Pinadores deste reino e seus domínios, a quem a Rainha não permite pernoutar em casa dos seus bemfeitores..

SONETO CIV.

Meus Carambas, bem sei que é cousa dura
Ouvir a fatal carta da rainha,
Que bem declara como quem advinha
Quanto vai d'um alcouce a uma clausura :

Vossês não podem ir á noute escura
Nem á moça falar, nem á alcofinha,
Sem que os ande a espreitar qualquer visinha,
Que se a móca entender, temos diabrura :

Forte zanga foi esta, e inda mais digo,
Que ja o mundo todo observa attento
Onde os gordos bureis tem seu jazigo :

Mas vossês lá dirão : « Irra convento,
Essa carta não joga cá comigo,
Que eu tenho um breve de habito retento. »

*Na mesma occasião apresenta um pobre clerigo
desempregado o seguinte requerimento,
em que pede ser accommodado.*

SONETO CV.

Diz um clerigo pobre, mas honrado,
Assistente nas casas onde mora,
Que elle pode servir qualquer senhora
Em tudo quanto for do seu agrado :

E porque sabe que se tem mandado
Recolher aos conventos sem demora
Os frades, que viviam cá por fóra
Esquecidos do claustro professado :

Pede o supplicante por piedade,
Ver se alguma senhora o quereria
Por capellão, na falta de algum frade :

Pois ha de achar na sua companhia
Quem lhe saiba fazer a charidade,
Melhor que qualquer frade lh'a faria.

*A um Padre transmontano, muito basofio de fidalgo,
de rico, e de discreto.*

SONETO CVI.

Quem souber onde mora um reverendo
Cangalhão da provincia transmontana,
Fidalgo eterno na infinita gana
Do que outros vão, a seu pezar, comendo :

Galgo á cleriga, que o focinho erguendo
Sobre a lebre da fome em que se esgana,
Septe vezes á caça na semana
Do jantar e da cêa anda correndo :

Que em letras gordas (não as do dinheiro)
Et cætera se funda, o faz bem visto
Este caibro de egreja, este salgueiro :

Quem visse o tal heroe ponha um registo
- No caes do Tojo, que Manuel Ribeiro
Dá dous peidos a quem lhe souber d'isto.

*Ao Regedor das Justiças vendo escapar o maior
ladrão da nossa idade, por intercessão de
algumas personagens desta Corte.*

SONETO CVII.

Pouco importa, meu Conde, que a nobreza
(Toda não, que vós sois d'outro partido)
O cachaço proteja de um banido,
A quem rapar devia a corda teza :

Furte-se embora á força, ou com destreza,
Que em fim Licurgo já não é seguido,
E Jan das Regras bote o resequido
Tinteiro á rua, já que o poz á meza :

Mas vós, senhor, se algumas almas pias
Lá tendes, onde se não bebe e come,
Este bando enxotai d'estas harpias :

Um por um do oratorio a estrada tome,
Que as orações que rezam nos tres dias
Farão sempre immortal o vosso nome.

*Ao Juiz de fora d'Angola, em resposta a uma carta sua,
em que se queixava do Ouvidor.*

SONETO CVIII.

Sim, meu Juiz, eu sim te mandaria
Um refresco, ou alguma coisa boa ;
Bom vinho, bom fandango, se Lisboa
Deixasse ir para fora a putaria:

Mas não succede já como algum dia,
Q' o Manique a mais guapa, a mais rascôa
Em quanto se não casa, ou se apregôa,
Vai batendo com todas na Obra pia.

Um conselho te mando, já que estouras
Pelo rico metal que o mundo adora,
E pelas de Bemfica altas calouras :

Que furtas muito, e em ar de Juiz de fora,
Todas as caras negras faze-as louras ;
Mette o Ouvidor no sesso, e vem-te embora.

*Retrato do Visconde de Villa Nova da Cerveira,
Secretario d'Estado.*

SONETO CIX.

Os olhos vesgos, a cabeça torta,
Mil tregeitos fazendo a cada instante,
Por entre as partes cavalleiro andante,
Dando a todos respostas d'Ignez d'Horta :

Sempre em ar de parlenga, mosca morta,
Que não vai para traz, nem p'ra diante,
Sabio nos ossos, mas em fim pedante,
Tão rombo como faca que não corta :

Com as contas na mão, missa e mais missa,
Joelho em terra a todo o reliquario,
Mas caindo a pedaços de preguiça :

Este é um dos do nosso kalendario,
Que os despachos do Reino nos enguiça,
Este o torto Visconde Secretario.

A dois irmãos lacaios, que fazem a sua fortuna no mundo co'a casa dos illustres Badanas.

SONETO CX.

Forte inveja metteis, ricos lacaios,
Comvosco falo, rapagões casquilhos,
Não bulo co'os lambazes dos quartilhos,
Q'isso é tudo uma corja de garraios :

Comvosco, sim, a quem da sege os raios
Poz no templo d'Amor sobre os ladrilhos ;
Vão com Deus adiante os vossos filhos,
Mas vós cá da trazeira abençoai-os :

Sofrei todos os amos muito embora,
O insulso capellão, o page avesso,
Que a paga é certa aos olhos da senhora :

Que feliz era eu (tal não mereço) .
Se o Goes, ou Manuelinho meu pae fôra,
E alguma minha mãe, das que eu conheço !

*Ao charlatão de Hungria, que vendo arruinado o seu
tráfego de dentes velhos, tomou o expediente de ir
lourear á praça de João Gomes Varella, onde
ficou sepultado em um mausoléu de pe-
dradas, servindo-lhe d'epitaphio este*

SONETO CXI.

Aqui o alivio jáz, aqui a peste
Dos mordazes queixaes da especie humana ;
Sim, senhores, finou-se esta semana
O sacca-buxa austral, Tritão terrestre :

Depois que nem civil, nem povo ágreste
Apupando attrahiu co'a horrenda cana,
A' vil fome jurou, deusa tyranna,
Morrer petrificado ; ha quem o atteste :

Dos bois bravos no mar sanguineo á pesca
D'alguns cobres se poz, onde um naufragio
De pedra é cal as ventas lhe refresca :

Nos queixos que arruinou teve o presagio,
Cantou-lhe a padaria o *Requiescat*,
Mas a sombra lhe fez maior suffragio.

*Ao Fuzarias, sendo perdoado do crime de falsario,
similhante a outros de que já obtivera perdão.*

SONETO CXII.

Agora sim, Fuzarias, é que a immensa
Desgraça a teu favor já se accommoda ;
Que é pena atroz passar a vida toda
Sobre accções porcas, e aspera sentença :

Agora que tens tempo, e tens licença,
Vac ao cirio do Cabo andar á roda,
E beija a mão, que te não fez a poda,
A mão papal, que tudo te dispensa :

Lá verás o Talaia em godo antigo
Forçado o aspecto, no marcial terreiro
Partindo um boi, como quem parte um figo :

Chega a elle com fala de vaqueiro,
Dá-lhe os rojões, e serve-o como amigo,
Que has de ter para o alforge algum dinheiro.

*A um irmão corcovado do Fuzarias, que vindo do
Brasil feito cirurgião, matou um preto, indo
a sangral-o, e tinha furtado um espadim
a certo sujeito.*

SONETO CXIII.

Insectos medicaes de capa preta,
Volta larga, e cesarea assás rotunda,
Onde Apollo enxertou a arte fecunda
Que minas d'ouro a muitos acarreta:

Se quereis ricos ser, ide á gaveta
Do quarto filho, que nasceu corcunda,
Na casa Fuzaresca, hoje a segunda
Abaixo da Falcôa (*) em linha recta:

O traste ali vereis, que o seu arrojo
Atravessou nos pés d'um homem tinto,
A quem sangrou co'a vida algum despojo:

Vereis mil ferros de lavor Corintho,
E até dentro achareis d'um rico estojo
A folha do florete do Ayres Pinto.

(*) João Falcão, que presumia de nobre.

A' Prisca, mulher do Provedor do Tabaco.

SONETO CXIV.

Tenha mão, onde vai? Forte doudice!
Uma velha a correr com tal soltura!
Quer que digam que vem da sepultura
Passar mostra ao esquadrão do Apocalypse?
Se vai saber a casa da Chulice
Que novas ha da sua formosura,
Perde o tempo, que ainda em sombra escura
Nem na Torre do Tombo ha quem a visse:
Os bezuntos que traz a velha honrada!
Traz dous sacos de gesso na faceira,
E inda assim não presta para nadã:
Ora pendure a sege na cocheira,
Pois lhe tremem as mãos, velha enrugada,
Não mais ha de emprenhar, nem ser parteira.

*Ao Almirante Rodney, vencendo a armada franceza
commandada por Mr. de Grasse, em 1782.*

SONETO CXV.

Mistre Rodney, fizeste bons officios
De marujo, e soldado á competencia ;
Salvando o inglez poupaste sem falencia
Trinta almudes de ponche em sacrificios :

Se dos Gallos capões não ha resquicios,
Nunca a Europa mordaz leva á paciencia
Vêr que imputas a acção á Providencia,
Cousa em que tu não crês, nem teus patricios :

Que heroica intrepidez, com que rompeste
De cachimbo na mão, na tina o rabo,
O *Godeme* francez, que estava a l'este !

Mas não foi, não, saber o que te gabo :
Foram sim orações, que la tiveste
De Bolena, Isabel, e Henrique Oitavo.

Dialogo entre o auctor, e um marceneiro, tendo por objecto os versos do Malhão.

SONETO CXVI.

Lobo. Na perna esquerda trago um formigueiro,
Que por antigo d'importuno passa,
Pois quando o frio as carnes me traspassa
Não me deixa curvar um passo inteiro :

Com duro pau de duro zambujeiro
Duas muletas busco quem me faça ;
Não quero que vossê m'as dê de graça,
Mas que me leve sim pouco dinheiro.

Marcin. Ellas tem, meu senhor, preços diversos ;
Aqui m'as vem comprar Malhão poeta,
Que bons cruzados tem por cá dispersos.

Lobo. Pois o Malhão é coxo ? Ora isso é peta !...

Marcin. Coxo Malhão não é, mas os seus versos,
Que todos necessitam de muleta.

*Ao illustre Pedro Caetano Pinto, enfronhado em
poeta, cujo pai fora barbeiro.*

SONETO CXVII.

Odre de vento, Pinto desazado,
Peralvilho por toda a eternidade,
Da honra, da innocencia, e da verdade
Accerrimo inimigo declarado :

Da familia dos Pintos o morgado,
Primeiro tolo sem contrariedade,
Mais velhaco que o mais velhaco frade,
Infamador do sexo delicado :

Consul geral de toda a Cotovia,
Que da famosa Mancha no cartorio
Guardas padrões da tua fidalguia :

Tudo vaidade, tudo farelorio ;
Quem hadé disputar-te a primazia
Dos poetas no vasto consistorio ?

*Falecendo nas cadêas da Relação o Corcovado, que
ahi estava preso por duas mórtes que fizera, e nos
termos de ir morrer enforcado no dia 14 de Sep-
tembro de 1784 — ; indo depois de amortalha-
do para casa de sua mãe n'uma cadeiri-
nha, para ser enterrado.*

SONETO CXVIII.

Morreu, senhores meus, o Corcovado,
E morreu na gaiola desta terra,
Onde o foram metter cabos de guerra,
Sem verem que é mulhèr pelo toucado :

Tudo o que haviam d'elle processado,
Assim como o cadaver ja se enterra ;
Já o susto de muitos se desterra
A quem, posto que preso, dá cuidado :

Deus va com elle em fim ; porque os legistas
Lhe annunciaram feias tempestades
Por ser galo, que joga muito as cristas :

Creio, que não deixou grandes saudades ;
Uma graça alcançou das pouco vistas,
Que ha desgraças que são felicidades.

A um mestre de meninos, que de gaiato passou a soldado, e hoje insultador dos orthographos, e relator de suas obras, sem pleno conhecimento.

SONETO CXIX.

Ruivo, de còr baça, e mente aerea,
Afamado maestrão, tolhido em motos,
Companheiro fiel só de marotos,
Seccante falador, astuto em leria:

Do centro de fatal triste miseria
Volvido a corrector dos nossos doctos,
Creado na tarimba entre garotos,
Indigno de hobrear com gente séria:

Atrevido, sagaz, mas timorato,
Por genio seductor, e trapaceiro,
Em trahir, maldizer, não pouco exacto:

Observem, que acharão n'este sendeiro
Alem de condições, que não relato,
O patife maior, o mais brejeiro.

*Ao novo embusteiro, quero dizer, ao novo Gazeleiro
de Lisboa.*

SONETO CXX.

Se eu fôra a ti, meu chefe das Gazetas,
Deixava-me de dar as novidades
Com que encaixas aos povos, e ás cidades
Fataes carapetões, famosas pêtas:

Deixava de imprimir as papeletas,
E punha-me a fazer habilidades ;
Porque para enganar as mocidades
Inda reſtam no mundo outras mil trêtas :

Os mesmos, que reputas teus sequazes,
Que te chamam discreto, docto, e guapo,
Posto seja uma corja de rapazes,

Te fazem por detraz mesmo n'um trapo ;
Pois dizem, que as gazetas que tu fazes
Só lhes podem servir de guardanapo.

(D.)

A' grande epidemia de casas de dança, que tem propagado em Lisboa um Manuel Rodrigues, official de carpinteiro.

SONETO CXXI.

Não ha preto, nem branco (estou pasmado!)
Calafate, malsim, cabelleireiro,
Que não seja no *amavel* o primeiro,
Que não toque rebeca o seu bocado :

Que me dizem vossês a um decantado
Professor de barrotes mui rasteiro,
Que até aqui sendo apenas carpinteiro
Hoje arromba co'os pés qualquer sobrado ?

O mundo acaba cedo, e os taes tremores
Que tem feito, não falta quem entenda
Que tudo foi tropel d'estes senhores :

Mas se nada sabeis que mais vos renda,
Canalha vil, bandalhos dançadores,
Mettei-me aqui no cu a vossa prenda.

Ao celebre rebequista Manuel de Deus.

SONETO CXXII.

Mais feio que o arraes do escuro averno,
Curto dos nós, de Adonis presumido,
Bexiga cheia de suor tingido,
Rebequista fatal, bebado eterno :

Corpo de bodegão, cara de hynverno,
Taful á banca de vintem fallido,
Na corda bamba arlequim torcido,
Graduado nas aulas de Salerno :

Pois este heroe de quem falado temos,
Não sei se o diga, a lingua se me arrasta,
E' o *Mané do Senhor*; que nos caemos :

Ninguem lhe diga mais ; isto lhe basta,
Que se nos foge, tarde ou nunca havemos
D'encontrar peralvilho d'esta casta.

*Ao Paca do Rio de Janeiro, indo de Lisboa são do
muito gallico que trouxe.*

SONETO CXXIII.

Putaria do sul, gentinha fraca,
Comvosco falo, cagações do Rio;
Que vendo ao longe as vergas d'um navio
Altos vivas cantais ao vosso Paca:

Não tarda muito, vai n'uma sumaca
Que em horror do pirata, e do gentio
No tope leva um pissalhão de brio,
Que o vento açouta ao modo de matraca:

Vista a senha, rapái todas a crica,
Que o duro batedor, que nunca enjoa,
Lá no signo de virgo em terra fica:

Que para esfrega d'uma moça boa
Sararam-lhe os colhões, cresceu-lhe a pica
Por milagre das deusas de Lisboa.

Dialogo entre o Soyé, e o Pedrinho, por lhe desaparecer uns dias, em que foi armar dinheiro para lomar ao gajão.

SONETO CXXIV.

Soyé. Por onde andas, Pedrinho, que ha tres dias
Que anda em busca de ti Dona Joanna?
Mas a culpá ella a tem, ella a magana,
Porque te sóffre tantas demasias:

Fazes-lhe estas, e outras porcarias,
E chamas-lhe depois impia, e cigana;
Ninguem vé o senhor toda a semana,
E inda ralha, inda diz patifarias!

Pedrinho. Inda digo, e direi, que sem ter pada
Não me lembra mulher; o meu feitiço
E' acertar em cheio uma cartada:

Padre Soyé, dinheiro é que eu cubiço;
Se vossê o não tem, e ella se enfada,
Passe-a a outro, que a mim não me dá d'isso.

*Ao bacharel Villa-fanha, deixando os logares de letras
para assentar praça de capitão da ordenança
em Almeida.*

SÓNETO CXXV.

Brava Almeida, não ouças assustada
Os leões rugidores de Castella,
Que um novo heróe trocou pela rodela
A insignia consular da tega honrada:

Do invicto Villa-fanha a aurea brigada
D'horror sirva ao hispano, e de cautela;
Tabaréo, quẽ ha bem tempo se desvela
Por fazer uma asneira assignalada.

D'aqui foi rebolindó, e vai do miolo
Mais que do peito este sandêo ardido;
Vejam lá de que forma hão de compol-o!

Dêm-lhe alguns banhos de bambû polido,
Que um capitão dos cães em ar de tolo
Mais que o diabo deve ser temido.

*Aos diversos meios porque os fradespios allrahem a si
as bolsas dos devotos.*

SONETO CXXVI.

Milagres mil publica do roزاری
O padre Dominico, e da corôa
O Franciscano muito mais entôa,
Jurando que a benzeu sobre o Calvario :

Mostra o Cruzio em Coimbra o sanctuario,
Que com effeito é cousa muito boa ;
O Agostinho a corrêa, e nos pregôa
O Carmelita o sancto escapulario :

Com estes e outros modos de piedades,
E com mil indulgencias sem fadigas
Se fazem venerar todos os frades :

E até co'os seus escriptos das lombrigas
Os Capuchos têm taes habilidades,
Que enchem as mangas, e enchem as barrigas.

A' morte do p^{ae} da Zamperini, que foi enterrado na
egreja do Loreto em 1771.

SONETO CXXVII.

Que funcção será esta no Loreto,
Para a qual correr vejo tanta gente?
Dobrando estão os sinos rijamente,
O morto é rico, ou grande *anunalecto*!

E' da gran Zamperina o p^{ae} dilecto;
Não disse bem, da divina, da excellente,
Como ouvi já chamar-lhe indoctamente,
Em uma ode, em pessimo dialecto:

Para isso se juntou toda Lisboa?...
Vossê é tolo? não sabe que hoje em dia
Da Zamperina o nome campa, e sôa?

Ajuntou-se da filha a confraria;
Fidalgos, deputados, gente boa,
E de provedor o Galli lhe assistia.

Na funesta occasião em que a Zamperini, decaindo de fortuna, se mudou para umas casas na Covovia, um pouco baratas.

SONETO CXXVIII.

Qual homem de negocio, que affrouxando
Do tezão em que o poz a alta ventura,
Um anno antes da infausta quebradura
Vai os gastos caseiros encurtando :

Que devoto na egreja está lançando
Agua benta do pae na sepultura,
E a qualquer charlatão um dia atura,
A estação do commercio lamentando :

Assim a Zamperina hoje se estreita
A comer pão de rala, e a voz commua
Diz; que ouve missa com tenção perfeita :

Já zombam d'ella a Barbara, e a Palúa ;
E se a fortuna não correr direita,
D'aqui a um mez vem para a minha rua (*).

(*) Morava então na travessa do Pasteleiro.

*Ao Abbade de Jazente, Paulino Cabral de
Vasconcellos.*

SONETO CXXIX.

Quiz Paulino ostentar de christandade,
Co'a careca do tempo á inclemencia ;
Porem esta excessiva reverencia
Involve circumstancias de vaidade :

Lembrou-se que em cabellos n'outra idade
Com Absalão tivera competencia ;
E que faz, vendo a calva em decadencia ?
Pede a Deus lhe reforme a enormidade :

Tirou do soli-deo ; e indo a erguel-o
A peruca descobre o casco liso,
Onde rastos não ha nem d'um só pello :

Mas o que sobre tudo move a riso,
E' ver que só a Deus peça cabelo
Quem muito mais carece de juizo !

Desforra do Abbade, em resposta ao antecedente.

SONETO CXXX.

Oh que rustico estás, monte Parnaso,
Feito pasto de Lobos! quem dissera
Que uma tão atrevida e voraz fera
Teu alto cume havia deixar razo!

Da tua Cabalina não faz caso
Quem puro cysne d'essas aguas era;
Vendo ter-te ultrajada a clara esphera
Outro bruto, mais feio que o Pegaso:

A Castalia está turva, o Pindo secco,
E até o mesmo Apollo erra o caminho,
Mettendo-se na venda do Janeco!

Intractavel estás, pobre, e mesquinho;
Pois teus bellos jardins são sujo beco,
E teus bellos cristaes botado vinho!

*Ao poeta Nicolau Tolentino, que sonhou estar elevado
a official de secretaria.*

(Vej. nas suas Obras Tomo 1.º soneto 49.)

SONETO CXXXI.

Um homem tal e qual, um tal sujeito,
Nicolau Tolentino sem mais nada,
Que com dispensa a veneranda espada
De São Thiago traz no inchado peito :

Sonhou que official estava feito
D'uma secretaria, e n'esta andada,
Que tinha sege, e moço na escada,
E um simples pano para a porta feito :

Lenbrou-lhe o az de copas por escudo,
Com outras cartas mais de corriola,
Armas proprias do seu tão grande estudo :

Eis que bate um rapaz na dura argola,
Acorda o Dom Quixote, foi-se tudo,
E fica, como d'antes, mestre eschola!

*Contra o furor de Nicolau Tolentino, em fazer
versos a putas e lacaios.*

SONETO CXXXII.

Se a lyra pulsas, ou o pandeiro tocas,
Que o digam os lacaios, mais as putas;
Pois nos teus versos, que por bons reputas,
Sediças chufas d'arrieiro brocas:

Se velhas phrases de vidrilhos tocas,
Não honras os heróes, que tu desfructas;
A quem offereces, por canções argutas,
De podres rimas chochas massarocas:

Prosegue, Nicolau, na facil peta;
Que os versos teus são fulminantes raios
Que contra a plebe sacas da gaveta:

O céo te dê á Musa altos ensaios,
Porque eu te juro que has de ser poeta,
Em quanto houverem putas, e lacaios.

*Ao mesmo Nicolau Tolentino, escrevendò o epitaphio
à morte do cavallo, que lhe morreu de lazeira.*

(Vej. o seu soneto 47.)

SONETO CXXXIII.

De teu cavallo a morte desastrada
Cubra, amigo, o Parnaso de baeta,
Que a uma Musa é pezada uma muleta
De gallico e sezões ja derrotada :

A fome aqui não teve culpa em nada ;
Que isso é bom para um misero forreta,
E as bestas em serviço de poeta
Comem silvas melhor do que cevada :

Algum mormo francez, ou reuma impura
Lhe pegastes em pello, que maldictos
Ressabios estes, que jamais tem cura !

Mas para gloria de rocins bonitos,
Morresse d'uma, ou d'outra matadura,
Tu faze-lo immortal nos teus escriptos.

*Ao jazigo d'um fidalgo imaginario á falta de homens,
em outro tempo alferes de cavallos, e nunca
mestre de campo, como elle o dizia
em Guimarães.*

SONETO CXXXIV.

Este que vês, de negras escumilhas
Todo cuberto, e ahi tem pendurado
Aureo bastão, chapéo agalado,
Arcões, rabichos, peitoraes, e silhas :

Este que abriu nas tampas das vasilhas
O cardo agreste, aos burros consagrado,
Que o tinto *organ* deixou qualificado
No tremendo Nobliario dos Mansilhas :

Em gran palacio junto ao Lethes fundo
Inquire as almas como assás lhe cabe,
Qual é d'alta prosapia, doudo, ou immundo :

E a que hombros encolhe, e nada sabe,
Outra vez vem buscar a honra ao mundo,
Que onde elle jaz só mora gente grave.

Aos alliados de Fr. Manuel de S. Carlos, commissario da Terra-Sancta.

SONETO CXXXV.

Qual enxame de cães, que um burro morto
Nas praias estendido, e fedorento,
Em pedaços desfazem n'um momento
Para o ventre fartar da fome absorto:

Assim mil frades vão tomar conforto
No hospicio, que tem certo convento ;
A Terra-sancta o paga, e o macilento
Commissario geral do narís torto:

Quatro contas de pau de zambujeiro,
Vendidas no Chiado a bons freguezes
Rendem mais do que o trigo no Terreiro :

Indulgencias vendidas muitas vezes ;
Eis aqui d'onde sáe todo o dinheiro,
Que sustenta esta corja de maltezes.

*A decadencia de um celebre toucinheiro por nome
Thomas, e ao mormo do seu rocim.*

SONETO CXXXVI.

Thomas, é tempo, e tempo de humildade,
Avia, põe-te em pé, faze o manejo,
Olha que esse alvadio animalejo
Vai-se arrastando muito á eternidade :

Ao mesmo passo, e egual agilidade
Cançastes ambos nos areaes do Tejo ;
A velhice atirou com elle ao brejo,
A ti cançou-te a bolsa em boa idade :

Agora, que os seus dias já são breves,
Deixa-o morrer em paz, manda enterral-o,
Oade escape dos cães ás unhas leves :

Compra um rosario, em fim, põe-te a rezal-o ;
E diga emb' hora o mundo, que tu debes
A tua conversão ao teu cavallo.

*A' morte do Canaveta, conselheiro, que se finou
de gallico.*

SONETO CXXXVII.

Aqui jaz gallicado (e quem diria
Que tão pouco durasse!) o Canaveta;
Já o rabo estendeu, porque a punheta
Este pedaço d'asno abhorrecia:

Se acaso a alguém da fanchonice ouvia
Louvar qualquer, ou expressão discreta,
Ardia logo, e á custa da boceta
Por dous bolos que dava é que fodia:

Morreu o bruto em fim de mal d'amores,
E para horror da crica a sua pelle
D'exemplo servirá aos fodedores:

Ninguem de putas entendeu mais que elle;
Mas putas pobres, putas de tambores:
Agora ahi o tem, caguem-me n'elle!

Aos chamados Christãos-novos, que deram quinhentos mil cruzados pela publicação da lei que aboliu aquella denominação ().*

SONETO CXXXVIII.

Quem diz mal dos judeus nega a Escriptura,
E não sabe o que leu; co'a lei allego,
Pois não distingue Deus judeu nem grego,
Para lhes dar no céo alta ventura.

Se a Egreja, que é do céo clara figura,
Lhes não denega todo o honesto emprego,
Como intenta d'alguns o furor cego
Avivar-lhe outra vez a mancha impura?

Se elles por lei de Deus são attendidos,
E pela lei real habilitados,
Sem duvida que estão bem admittidos:

Ninguem se lembre já dos seus peccados;
Que elles estão de todo arrependidos,
Mas é de dar quinhentos mil cruzados.

(*) Posto que a voz publica assim o assoalhasse, houve então, e ha ainda agora quem muito duvide da veracidade d'este facto. (Nota do Editor.)

*À um Sargento mór d'Alcacer, por nome Pedro de tal,
que mandava o seu retrato à sua noiva.*

SONETO CXXXIX.

Um olho côr d'esponja, outro albacento,
Cinco dentes fronteiros putrefactos,
Casaca, veste, e todos os mais fatos
Tudo roupa de preso, assás nojento :

A peruca de pello de jumento ;
A bolsa ninho d'um casal de ratos,
As tombas sempre avulsas nos sapatos,
Bezuntadas as meias d'unguento :

Este o Pedro primeiro gallicado,
Que tem sido da historia para adorno
D'exercitos de putas atacado :

Com que, Filis, falemos sem suborno :
Veja vossê, depois d'estar casado,
Se um traste d'estes deixa de ser corno ?

Apparecendo em Lisboa uma nova traducção do Telemaco, de que ninguem faz caso.

SONETO CXL.

Por um barbante do seu cão guiado,
Por Lisboa apregoava um pobre cego,
E mais facil lhe fora achar um prego,
Que comprador ao livro apregoado :

Era o livro o Telemaco tornado.
A frio portuguez gallico-grego,
Obra d'um tal doctor (*) que eu arrenego,
Em cuja boca ninguem é letrado :

O cego, que quer cousa que lhe renda,
Vendo ser a versão mal recebida,
Vai-lhe a casa gritar, dar-lhe a encommenda :

« Senhor (lhe diz) esta obra foi perdida :
Só para adubos em alguma tenda
Pode este seu tominho ter sahida. »

(*) Chama-se José Manuel Ribeiro Pereira, Secretario da Compauhia do Grão Pará.

*A' trezena de Sancto Antonio, que se faz no convento
dos Capuchos.*

SONETO CXLI.

Uma lamedada ha aqui n'esta cidade,
Dieta de Sancto Antonio, onde ha trezena ;
Ali vai toda a moça alva, ou morena,
Das que teem (não sei de que) vontade :

Todo o machucho façanhudo frade
Ali se esgana, que o prelado o ordena,
Em quanto no adro fazem quarentena
De pataus e cadetes quantidade :

Estes varões de altissimos topetes,
Dos taes que fazem do chapeo bacia,
Ali vão largar remos, e traquetes :

Consta a trezena em fim (quem tal diria !)
De frades, moças, pivias, e cadetes,
D'alta namoração, e gritaria !

*Assistindo á Alleluia no convento dos Paulistas,
festa a que concorrê toda a secia de Lisboa.*

SONETO CXLII.

Nunca João Gomes poz tão boas vistas
No theatro venal, que em paz descança,
Como hoje estamos vendo em ar de dança
Na famosa Alleluia dos Paulistas!

Empreendendo d'amor novas conquistas
Todo o frade machucho engrila a pansa;
Sobre quem ha de ter maior pitaça
Emburrando um com outro joga as cristas:

Em quanto escuro faz namôro a faro;
Eis que as cortinas dando dous abanos
Caem por terra, e fica tudo claro:

Vé-se então a fraqueza dos humanos;
Grande idéa por certo! e só reparo
Não terem dado n'ella os Franciscanos!

A um frade d'estes chamados Borrás, que descompoz sua mãe por lhe não dar o dinheiro que elle queria, para levar á sua menina.

SONETO CXLIII.

« Ah que d'el-rei ! Não ha quem me soccorra !
(Certo frade arreitado á mãe dizia)
« Valha-me a rua Suja, ou Cotovia,
Antes que martyr do tezão eu morra ! »

Larga a mãe um tostão ao frade borra,
Mas elle, que acha pouco, assim porfia :
« Veja lá, mãe, se acaso gramaria
Por tão pouco *d'argent* tão grande porra ? »

Fica a sancta mulher toda aturdida,
Não tendo nunca visto, nem tocado
Porra tão grossa, porra tão comprida.

Que fará, vendo o filho em tal estado ?
Apara papel, toma-lhe a medida,
Vai levar a bitola ao seu prelado.

*A' morte do Beneficiado Fonseca, grande ratão,
que tudo mettia a bulha, e ate o proprio Mar-
quez de Pombal lhe tinha medo.*

SONETO CXLIV.

Morreu pois o Fonseca, heróe tumbeiro,
A morte lhe pregou palmada n'anca,
A palestra ficou de perna manca,
Faltando-lhe o seu mestre cavalleiro :

Esse, que fôra mexilhão de Aveiro (.),
E depois camarão de Villa-Franca,
Capaz d'ir ver a cova a Salamanca,
Se não fosse o gastar algum dinheiro :

Expirou, e morreu muito bemquisto,
Deixando chocas para encher mil sacas,
Satisfeito morreu do que tem visto :

« Vou consolado (diz com vozes fracas)

« Morro no tempo em que morreu Christo,

« Porque morro no tempo das matracas. »

(.) Esteve desterrado em Aveiro, e Villa-Franca por ordem do Marquez de Pombal.

*Ao Doctor Francisco Martins de Sampaio, affirmando
que havia de queimar a livraria, se não vencesse a
demanda do morgado do Sobral a favor de
seu constituinte o Morgado d'Alagoa.*

SONETO CXLV.

Forte bulha, quem sabe o que isto seja?
Tanto insecto a grunhir em voz clamante!
Será do impio saloio a turba errante
Que o divino edital (*) crestar deseja?

Não, amigo, outra corja é que forceja
Por honra d'um Quixote o enterro andante;
Não vês Cujacio, o Achilles d'essa estante,
Sobre um monte de breu, e de carqueja?

Não vês um mono, de oculos no rabo,
Que ao fogo da paixão escreve á toa
Basofias, que vão ter do mundo ao cabo?

Pois esta execução foi em Lisboa
Protesto, que o Sampaio fez ao diabo
Nos autos do Morgado d'Alagôa.

(*) O edital do Intendente Manique contra os vendilhões saloios, affixado no mesmo dia em que sabiu o accordão a favor de Anselmo José da Cruz Sobral.

Retribuição do Doctor Sampaio.

SONETO CXLVI.

Lobo infernal, galego petulante,
Da vil canalha poeta laureado,
O segundo Valverde encabeçado,
Ou alma d'este cemiterio errante :
Papa-jantares, caloteiro andante,
Pasquim vivente, cynico malvado,
Que o aureo Pindo tens emporcalhado,
E ao Parnaso roubado o seu brilhante :
Gato pingado d'esse enterramento,
Adello de sonetos em Lisboa,
Vil calouro com patas de jumento :
Pega na tumba, satyras entôa,
Aos juizes de vil merecimento,
Sepultadas nos autos do Alagôa.

Do mesmo Sampaio, em desforra.

SONETO CXLVII.

Fulano Lobo, insecto turbulento,
Tosco galego em fórma de poeta,
Ignorante, que maus versos affecta,
Páe de palavras vans sem fundamento :

No chouriço, ou barril busca o sustento,
Que te não soffre mais a gente quieta ;
Tua musa cruel o povo inquieta,
Em logar de lhe dar divertimento :

Olha que Anselmo, e outros semelhantes
Inda te hão de tirar a fertil mamma,
Que alimenta teus versos petulantes ;

Tu não tens que perder honra nem fama ;
Ou vae limpar as chocas dos tirantes,
Ou varrer de Lisboa a immensa lama.

*Ao mesmo Sampaio, sendo condemnado a suspensão
de advogar por um anno, em razão do
seu modo petulante.*

SONETO CXLVIII.

Paio de linguas, lingua assás picante,
Que tal o accordão? Ja não dirás lérias
Um anno inteiro! são valentes ferias,
Tens um aresto mais que pôr na estante:

Não sei que diga! Negro seja o instante
Em que nasce um heróe para miserias!
Quem ha que triumphhe d'expressões aereas?
Quixote o diga, ás mãos co'o o seu gigante.

Que asneaste é certo; agora é ter paciencia;
Se Homeros dormem, tu que bebes vinho,
D'algum odre te veiu essa eloquencia:

Segue pois, meu carioca, outro caminho;
Se não queres ir pôr banca na audiencia
Que ao largo ali se faz de S. Martinho (*).

(*) A Cadêa do Limoeiro.

Resposta do Doctor.

SONETO CXLIX.

Lobo voraz, atroz, zoilo mordente
Damnado Cerbero, e tuba picante,
Mais loquaz que Sinon, mais vil pedante
Que o pedante Esparrela em ar dormente :

Tu cada vez estás mais insolente,
Porque ainda não topaste o deus tonante ;
Muda a pelle, se não vil petulante
Escolhe o que é melhor, ou cova, ou dente :

Inda ha Theseus, que despedacem brutos,
Negros fortes, que dêem co'um pau d'um raio,
N'um poeta d'agua doce, insulso bobo :

Não troques o prazer por tristes luctos ;
Beija o cu ao senhor Doctor Sampaio,
E limpa a boca, meu faminto Lobo.

A certo Alferes, cuja mulher tinha mais maridos,

SONETO CL.

Não me quero calar, se não abafó :
Eu declaro quem és, oh bode humano,
Que da cubiça vil no altar profano
Sacrificando estás de injurias gafo :

Eu declaro quem és, eu já te estafo,
E com raivosas satyras te esgano ;
Depois mijando em ti, cuco magano,
Deixo os cabrões, e co'os tafues me safo :

Não me posso conter, e sem suborno
Digo que és dos alferes lixo, e borra,
Oh tu, que trazes militar adorno !

Ora quero apromptar antes que morra
Dous mimos ; — para ti corno, e mais corno ;
Para tua mulher porra, e mais porra.

(D.)

Descripção dos Jacobeos.

SONETO CLI.

O cercilho trazel-o sempre razo,
Contas grossas, semblante carrancudo,
Confessar as beatas a miudo,
Revelar o sigillo em todo o caso :

Beber por fino copo, ou grande vaso,
Comer bem, no trabalho ter descuido,
Ser d'officio murmurador de tudo,
Querer ter no governo sempre praso :

Escrupulo não ter na simonia,
Beijar o chão, torcer sempre o pescoço,
Reinar só na ambição, ou tyrannia :

Desprezar os contrarios d'este troço ;
Gastar no sacrificio todo um dia,
E por fim descansar no estygio pôço.

Contra o fanchonismo, que invadindo esta corte, ameaça convertel-a em outra nova Sodoma.

SONETO CLII.

Das tartareas masmorras o Diabo
Trouxe nos cornos a brutal punheta ;
Jurando anniquilar com manha e treta
Delicias feminis, por quem me babo :

Corre Lisboa do principio ao cabo ;
Inspira em corja vil que esquive a greta,
Que ao gosto singular da mamma e teta,
Hoje a mão substitua, a bimba, o rabo :

Lavra o prazer bastardo ; eis Madragoa,
Eis Taipas, Cotovia em abandono,
Rara pica nas bordas já se assôa :

E perdeu tanto a voga o pobre cono,
Que até certo taful viu em Lisboa
Um gato sodomita, um cão fanchono !

*Na occasião em que se mandaram fechar os theatros,
e se degradaram varios comicos por queixas de
certas fidalgas etc.*

SONETO CLIII.

Punhetas vis, que saciando as picas
De fanchonos crueis desenfreados,
Fizestes sobre enormes mil peccados
Que de fome estalassem tantas cricas;

Abrir mais não vereis as bolsas ricas,
D'onde sacaveis sempre os bons cruzados,
Nem já vereis co'os dedos bezuntados
O puro semen a correr em bicas:

Recta justiça, que a ninguem perdôa,
Vos virou da fortuna a leve roda,
Este o pregão, que na cidade sôa:

« Já dos fanchonos se acabou a moda,
Já lá vão os sacanas de Lisboa,
E' mais cara a punheta do que a foda. »

A' prisão dos rapazes, que representavam nos theatros, mandando a Rainha fechar os dictos.

SONETO CLIV:

Sanctissima Rainha, a vossa graça
Não merecem vassallos d'este mundo ;
Sois dotada de um proceder profundo,
Para o céo, que p'ra a terra sois escaça ;

O vosso ministerio tudo abraça,
Sem olhar que de todo vai ao fundo ;
Ah ! se vivera um Dom João Segundo
Castigára os motivos da desgraça !

Os theatros, senhora, prohibidos !
E os pobres rapazinhos na cadêa !
São os fins sem os meios conhecidos.

Venham mulheres, que a culpa é menos lèa ;
Haja opera, vivamos divertidos,
E fique o dictionario para a cêa.

(D.)

Na occasião em que foi presa a Isabel Clesse, accusada de ter deitado ao marido uma ajuda d'agua forte.

SONETO CLV.

Que novo modo é este d'impiedade,
Que a extirpar-nos vêm pela trazeira,
E para aproveitar-se da cegueira
Fez pelo olho do cû a atrocidade?

Se a mulher por seu gosto fosse frade,
E de São João de Deus parca enfermeira,
Com esta vocação de cristeleira
Mataria os irmãos por charidade!

Mulher, que concebeste tal na bola,
E que para acabar do homem os dias
Tornaste o bemfazer em carambola:

Se tens gosto em fazer taes obras pias,
Vae levar aos hereges esta esmola,
Serás a extirpação das heresias!

(D.)

Ao marido de D. Joanna Isabel Forjaz.

SONETO CLVI.

Torta a ruça cesarea o velho traz,
Cujo crespo o diluvio lhe desfez,
E uma nova casaca, que lhe fez
O propheta Habacuc, sendo rapaz :

Da idade não direi, mas sei que faz
Epochas, pelos calos que ha nos pés ;
Só dentes lhe cahiram vinte e tres,
E o do siso com gosto pela paz :

E' um velho, mais velho que o arroz,
E' ainda mais antigo que os cuscûs ;
Ha de andar pela idade do retroz :

E se ateima a viver, qual alcatruz
Que gira pelas voltas do arioz,
Vivirá ! Sancto nome de Jesus ! —

*A certas senhoritas, moradoras no bairro do auctor,
todas com nomes esquipalicos.*

SONETO CLVII.

Se acaso vires uma moça linda,
Que por modo de freira é que se trata,
Verbi-gratia, Euphrosina, Fortunata,
Natercia, Chłori, Olaia, Femelinda :

D'estas, que nosso rol não leram inda,
Branca, Borges, de Mattos, ou da Matta,
Que em um escripto põe, sem lhe pôr data,
Quantos tragicos nomes traz Florinda :

Olha attento para ella, que o seu brio
Vai no rabo da escripta, ou no do manto,
Que o demais anda tudo por um fio :

E por que horror te imprima estrondo tanto,
Todo o nome, que acaba de assobio,
E' putaria, assim eu fora saneto !

A' moda das rendas largas, e toucados altos.

SONETO CLVIII.

Graças ao céo ! como hoje resplandece
A virtude da sancta honestidade !
Já o tempo chegou, chegou a idade
Que a filha de Sião tanto appeteece !

Uma dama gentil, quando apparece,
E' cuberta com tanta gravidade,
Que a figura da sancta Castidade
Não se pinta melhor, não se encarece.

As largas rendas põe sobre o toucado,
A honesta cara ninguem póde vel-a ;
Este sancto viver é acertado :

O manto é compostura da donzella ;
Mas se mostra o saiote arregaçado,
Liga, meia, e sapato, caguem n'ella.

*A estas minhas senhoras, que me apparecem com o lenço
deitado sobre a volta da capa por amor do cieiro.*

SONETO CLIX.

Aquella moça, que estendeu primeiro
A toalhinha na capa, era meliante,
E deu a entender quando a pôz diante
Que era uma viva loja de barbeiro :

D'estanco de sabão já foi roteiro,
Lenço branco na unha de estudante ;
Mas hoje qualquer moça é traficante,
E a todo officio quer ganhar dinheiro :

Perdeu-se o tracto, da breca está levado,
Nem de ganho aqui ha forma, ou materia,
Que as patifas não tenham esgolado :

Mas só estranho a alguma, que é mais séria,
Que indo ás vezes co'o lenço bem lavado,
Ande sempre co'a fralda uma miseria !

Quando o mulherio appareceu de chapèos muito bicudos, que lhe não deixavam ver os narizes, então appareceu tambem este

SONETO CLX.

Ahi vem... Quem será esta cachopa,
Que entre os demais balheiros que arregaçã,
Co'um telheiro nas ventas por negaçã
Vem com sécia assombrando a toda a Europa?

Chapéo de bico equal, de maior copa
Nem fundido se faz; a matronaçã
Inda vista de perto induz caraça
Que a navio holandez governa a pôpa:

Eu quantas vejo assim ponho em parellas,
Que em rancho de mulheres mascarado
Tanto inculcam as novas, como as velhas:

Mas o que isto ha de ser tenho assentado;
Ou sarampo, que deu nas sobrelhas,
Ou nariz torto, ou olho remelado.

Descripção do traje das meretrizes.

SONETO CLXI.

Quando encontrares, camarada velho,
No Rocio uma moça d'alta crista,
Das que trazem na saia muita lista,
Muita pinta na capa, e pouco pello:

A quem a mãe de véo sobre o cabello
Ao longe segue, falta já de vista,
Sempre ralhando, sempre tabaquista,
Nos pés de cada côr o seu chichelo:

Vendo que a um logar sempre se roça,
Ao cheiro do melão, té que a indulgencia
D'algum tolo lhe pague o que ella almoça:

Pois faze ali a tua diligencia,
Que eu bem posso jurar-te, que esta moça
E' fazedeira, em minha consciencia,

*A' Anna Couveira, passando rebuçada na renda do
manto por diante do auctor.*

SONETO CLXII.

Aquella renda, que dos olhos desce,
Até o embigo de uma moça ufana,
Uma mestra a inventou, mulher cigana,
D'obra prima a melhor que hoje florece:

Ali quem móve o pé não se conhece,
Um a tem por Annica, outro se engana,
E como a saia mostra ser campana,
Sacrosancta basilica parece.

Que faço eu? com a matula fina
Vou vendo ao longe em ar de sentinella
A que beco a marota se destina:

Sacode o pé na escada a nympha bella;
Sabido o caso, corre-se a cortina,
Sáe de dentro a Couveira, caguei n'ella!

*Ethymologia da palavra cagaçal, que se havia moder-
namente introduzido no regimento do Verde.*

SONETO CLXIII.

Uma moça á janella (isto é verdade)
Em mangas de camisa, co'as guedelhas
Parte nos olhos, parte nas orelhas,
Pintada d'azarcão e d'alvaiade:

Lavando á pressa a immunda porquidade
Dos lenços rotos, e das fitas velhas,
Ou pondo ao canto ali das sobrançelhas
Bolas de seda preta em quantidade:

Armada assim a infausta basilisca
Té que na mão a chelpa lhe não ruja
A quantos vão e vem acena, e pisca.

Pois eis aqui (quem ha que lhe não fuja?)
No systema da tropa verderisca
O que é um cagaçal da rua Suja.

Exhortação moral, em que o auctor persuade aos putanheiros a evitar os perigos a que andam expostos, e que vão descriptos n'este

SONETO CLXIV.

A baixa prole da relé nojenta,
Envolta em restos de setim barato,
Armada a van cabeça de apparato,
Sobre aberta janella se apresenta :

A escada trepa a velha rabujenta,
A quem falta o tacão já nó sapato ;
Batendo á porta do lascivo tracto
Um pinto mais á pobre casa augmenta :

O lucro gira sempre confundido
Pelas mãos dos adelos desbastado,
E do destro garoto apercebido :

Fuja das moças todo o homem honrado,
Que alem do gimbo e credito perdido,
Não quer de vivo azougue ser minado.

A certas meretrizes, que se apresentavam no caes do Sodré, no tempo em que se usavam as anquinhas.

SONETO CLXV.

Gentil cigana, que n'um ar propicio
Doces verbas mistura co'as amargas,
Do fluctuante chapéo, e nas ilhargas
Dois voluveis inchaços d'artificio:

Que affrontando o rigor do solsticio
Quantas vem de Macau enormes cargas
D'estreitos leques, de cabaias largas,
Tudo faz d'esta louca em beneficio:

Na longa praia em busca dos freguezes,
Ao primeiro asneirão que encontra azado
O braço entrega com rituaes corlezes:

Padre Tejo, só tu sancto advogado
Do matrimonio és, que as mais das vezes
Antes de ser benzido é consumado!

*A certas moças, que traziam engodados os basbaques,
que por ellas se deixavam cardar.*

SONETO CLXVI.

Ha certas semi-putas n'esta terra,
A quem lerdos basbaques fazem tolas ;
Que vivendo de ganchos, e gaiolas,
A's honradas pretendem fazer guerra :

As Dauphnis (por exemplo) andam na berra
Entre quatro affectados mariolas,
Que expertas devem ser, mas são patolas,
Que a sagaz cambadinha em vida enterra :

Quem as vê lambisgoias, faladoras,
O chiste já sedição repetindo,
Se é bolonio, elle crê que são doctoras :

O laberco porem, que está medindo
Quanto vista de putas a senhoras,
Caga n'ellas, e d'elles se vai rindo .

(D.)

*A certa moça, chamando velho ao auctor, que ainda
se não tinha por tal.*

SONETO CLXVII.

Não te escondo a' guedelhá encanecida,
Nem da rugosa fronte a côr já baça :
Conheço que o meu lustre, a minha graça
Foi por duros Janeiros destruida :

Confesso, inda que é já bem conhecida,
Que a idade minha dos cincoenta passa ;
Mas juro que inda tenho grossa maça.
Qual tezo mastaréo a pino erguida :

Se és hydropica mestra fodedora,
D'aquellas, que procuram com trabalho
Lanzuda porra, porra aterradora :

Minhas cans não te sirvam d'espantalho ;
Põe á prova o teu cono, e sem demora
Verás então se é velho o meu caralho.

Sendo o auctor admittido á presença de uma senhora, com quem se propunha a grandes empresas, teve a final de retirar-se in albis, como se vê do seguinte

SONETO CLXVIII.

Este que vês aqui, formosa dama,
Entre moles testiculos pendente,
Já foi em outro tempo raio ardente,
Hoje é pavio, que não sólta chamma :

Este que vês aqui, já foi o Gama
Dos mares onde navega tanta gente ;
Hoje é carcassá velha, que somente
Dos estragos que fez conserva a fama :

Este que vês aqui, foi do trabalho
O maior soffredor (quem tal dissera ?)
Hoje d'amor é languido espantalho :

Este que vês aqui, na ardente esphera
Já foi flor, já foi luz, já foi caralho ;
Mas hoje não é já quem d'antes era.

*A um d'estes, que se perdem por estas minhas senho-
ras, que lh'a pregam na menina do olho.*

SONETO CLXIX.

Que o Grego (*) cauteloso á solta vela
Sulcando os mares vá, e affronte a morte,
Bem o deve fazer, porque a consorte
Tem tanto de leal, quanto de bella :

Que qualquer miseravel por aquella
Que entende o tracta desta mesma sorte
Constante as afflicções sempre supporte,
Té que venha a morrer em fim por ella :

Vade in pace ; pois quem tem a pachorra,
E quer fazer d'heróe n'estes combates
Deve então subjeitar-se, ou viva, ou morra :

Mas quem faz similhantes disparates
Por mulher, que levou mais d'uma porra,
Merece ir para a casa dos orates.

(*) Ulysses.

A uma freira, que se fazia sangrar para lenitivo das comichões que sofria nos antipodas da boca.

SONETO CLXX.

Põe-se a toalha, chega-se a bacia,
A lanceta na mão, pé n'agua quente,
Assustado o barbeiro, é reverente
Para a freira voltado assim dizia :
« Se dá licença, vossa senhoria...
Pico?... » — Sim, lhe diz ella, e tão valente
Que parecia só estar doente
Por pica lhe faltar n'aquelle dia !
A' sangria o barbeiro então se applica,
E cuidando ao picar a freira morra,
Ella lhe diz valente : « Pica, pica :
« E verás n'esse sangue quando corra,
Que me fora melhor no que elle indica,
Se em logar de lanceta fosse porra !

A' Regente do recolhimento do Anjo na cidade do Porto, a mais endiabrada mulher que viram os nossos tempos.

SONETO CLXXI.

Regente do Anjo mau, quão gran regente
Foras da Neta (*) a seres mais cachopa !
Vem reger, vem, as subditas da *Estopa*,
Que esse logar ahi não te é decente :
Deixa os tarecos a qualquer servente,
Sarilho e fuso, que isso em pouco topa ;
E em chegando ao Arsenal com vento em popa
Que mais queres que estar co'a tua gente ?
Que diluvio de abraços ! que tormenta
De beijos não darão aquellas sanctas
N'essa tua boquinha fedorenta !
Oh não queiras tardar, que ás tuas plantas
Só de putas aqui tens mais de oitenta ;
Mas em tu vindo crescem outras tantas.

(*) A viela da Neta, bairro das meretrizes.

A um figurão mui putanheiro, que em premio de suas laboriosas proezas teve a pica decepada.

SONETO. CLXXII.

De foder sujos conos já cansado
De Almeida apodreceu o membro enorme ;
Parou em fim a machina triforme,
Que tinha immensas cricas arrombado :

Soou por toda a parte o grosso brado
Do tremendo marzapó ingente, e informe ;
Mas (desgraça cruel !) em cinzas dorme,
Por amolados ferros decotado :

A ver o triste funeral correram
Mais de mil putas, que ao fatal estrago
Cubrindo os olhos com as mãos gemeram :

Temei, casadas, o venal afago :
Olhai que vis michelas concorreram
Para ficar de Nise o cono vago.

Certa mãe, irresoluta sobre o estado da filha, vai consultar o seu medico.

SONETO CLXXIII.

Meu Doctor, que tem esta rapariga,
Que não é como d'antes tão andeja !
Cospo, vomita, cousas mil deseja,
Nasce-lhe pano, cresce-lhe a barriga !

Parou-lhe de repente a copia antiga
Do sangue, que por baixo se despeja ;
Faz diligencia que ninguem a veja,
E até se esconde da maior amiga !

Dar-se-ha caso que seja do demonio
Algum ardil, alguma trapalhada ?
Se assim é, vou lêval-a a sancto Antonio.

« Não, senhora, a menina não tem nada ;
Os effeitos quiz ver do matrimonio,
Para não extranhar, sendo casada. »

Dialogo entre um penitente freiratico, e um confessor casmurro.

SONETO CLXXIV.

A um fradalhão bojudo e rabujento
Seus crimes confessava um desgraçado,
E entre elles dizia ter peccado
Com uma sancta freira n'um convento :

Grita o frade : » Não tardam n'um momento
Raios mil, que subvertam tal malvado ;
Que ás esposas de Christo ha prophanado
No sancto asylo seu, sacro aposento !

« Ora diga, infeliz, como ousaria
Tal crime confessar, e acções tão brutas
A Jesus-Christo, lá nó extremo dia?... »

« Padre, deixemos pois essas disputas ;
Se elle me perguntásse, eu lhe diria :
Quem vos manda, senhor, casar com putas ?

(D.)

*Ao inventor do famoso expediente, que segura a honra
dos maridos, e a virtude das mulheres.*

SONETO CLXXV.

Maroto vil, que forjas uma chave
Da mulher para o cofre gadelhudo,
Dize, cafre, tão mau é ser cornudo?
Não é cornuda tanta gente grave?

Aquelle orgão somente é d'uma clave,
Tem um registo só, e um só canudo;
Se as mãos lhe deixas livres para tudo,
O mais, que se presume, ella bem sabe:

Vestes-lhe a pansa em fim! Bom desenfado;
Por menos foi Acteon, não com degredo,
Co'uma torre de cornos castigado:

Ora, amigo, falemos em segredo:
Não lhe ponhas fuzis, nem cadeado,
Põe-lhe o nariz no cu, na crica o dedo.

Fructos do desengano, colhidos na convivencia das putas, e patenteados ao mundo no seguinte

SONETO CLXXVI.

Putedo de Lisboa, oh gente fraca,
Comvosco falo, cagações maldictos,
Comvosco, a quem caralhos infinitos
Têm batido no cu, sem ser matraca :

Vós, que fazeis meiguices qual macaca,
Que suspira uma vez, outra dá gritos ;
Vós que fazeis morrer bolsas, e esp'ritos,
Sem que para isso useis punhal, ou faca :

A todas sem excepção conjuro, attesto,
O ter-lhes d'hoje avante odio fatal,
Pois caricias fingidas já detesto :

Acreditem os homens em geral,
Que á risca seguirei quanto protesto,
Pois com putas não gasto já real :

*A uma freira do Porto, com quem teve amores
na sua mocidade.*

SONETO CLXXVII.

Putá d'um corno, dos diabos freira,
Eu me ausento, por mais não aturar-te ;
Tu cá ficas, cá podes esfregar-te
Com quem melhor te apague essa coceira ;

Ultima tu serás, sendo a primeira
Que de mangar em mim se achou com arte ;
Mas eu n'isso mijei, que em toda a parte
Bem se sabe quem é Clara-Ribeira :

Vae-te, surrão, injuria das mulheres,
Vae fornicar na praia, e não se diga
Que não achas colhões quantos quizeres :

Tanta luxuria os ossos te persiga,
Que inda os mesmos bocados que comeres
Se convertam em porras na barriga.

A' mesma.

SONETO CLXXVIII.

Ah ! quem me dera ao menos um milheiro
De porras de gigante para dar-te,
Para vêr se podia assim fartar-te
Esse voraz faminto parrameiro !

Porem tu queres porras, e dinheiro,
Senão eu só podia contentar-te ;
Dize-me, e pode a tença só chegar-te
Para comprar veludo um anno inteiro ?

Dizem, que aos sodomitas lá no Averno
Põe os diabos sobre um alto throno,
Co'um caralho no cu de fogo eterno :

A ti hão de tambem pregar-te o mono ;
Ficarás nas profundas do inferno
Co'uma pissa de riço n'esse cono.

*A outra endiabrada freira do Porto, muito conhecida
por suas laboriosas proezas.*

SONETO CLXXIX.

Olha, se eu fora a ti, minha Terencia,
O meu quarto forrava d'embrechado,
De porras todo, que inda no pintado
Quizera-as ter á minha obediencia :

De Martinho esculpira em toda a ardencia
Por traz do leito o membro asselvajado,
E no tecto, com vulto desmarcado,
Trinta porras de burro em competencia :

De caralhos meãos, e alguma pica
De rapaz, bastaria obra de um sacco
Para algum vão, que no embrechado fica :

E entre os bilros do catre n'um buraco
Mandava pôr, para coçar a crica,
Um par de caralinhos de macaco.

*A' mesma, mandando retratar-se pelo Glama, celebre
pintor do Porto.*

SONETO CLXXX.

Mandou Terencia chamar Glama um dia
Para que o seu retrato lhe fizesse,
Porem que de tal sorte a descrevesse,
Que Venus desbancasse em bizzarria :

O pintor, que o seu genio conhecia,
Porque o empenho melhor satisfizesse,
Pintou-a fornicando ; mas parece
Que inda mais expressivo o pretendia :

Vai elle, pinta um frade franciscano,
Vermelho qual um cravo d'Arrochela,
Co'uma porra maior que o Vaticano ;

Pinta a freira adorando-a da janella,
O *non plus ultra* escripto sobre o cano,
Ad perpetuam rei memoria n'ella.

A' mesma.

SONETO CLXXXI.

Que és puta provarei, minha Terencia,
Putas, e mais putas do que as mesmas putas ;
Tu és freira, e aquell'outras, bem que innuptas,
Sequer voto não têm de continencia :

Se ellas para mil fodas tem potencia,
Tu em cem mil punhetas as commutas ;
Tu co'o frade na grade em secco luctas,
E's putissima tu, por consequencia.

Putissima ! Inda mais ; muito bem podes
Levar de reputissima o letreiro ;
Replicas ? E' melhor que te accommodes.

Ellas levam a porra do brejeiro,
Do negro, do lacaio, e tu ? — tu fodes
Co'o retrato da porra um dia inteiro.

A' mesma.

SONETO CLXXXII.

Levantou-se figura ao nascimento
De Terencia ; o Alfaqui, que a levantava,
Viu, que de nuvens negras se formava
Ao longe no ar a forma d'um convento :

De côr de fogo estava o firmamento,
Um dragão co'uma puta fornicava,
E depois que a junção finalisava
Eis apparece logo outro portento :

Surge um mono, que a si faz a sacana ;
Um monstro hermaphrodita em forma bruta,
Com porra d'artificio deshumana :

Do prognostico á força se reputa
Ser o frade o dragão, o monstro a mana,
E ser Terencia o mono, mais a puta.

Lamentando a desgracia dos freiraticos.

SONETO CLXXXIII.

Não ha maior asneira n'este mundo,
Do que um homem comer uma punheta
D'uma freira, que tem onde se metta
Um caralho bem grosso, e rubicundo :

De que serve estar vendo o cono immundo,
O pentelho que esconde a torpe greta,
E um dedinho, que roça por tal treta,
Que leite faz lançar pouco, e injocundo !

Estar então um basbaque, uma alma bruta
Na pansa a dar punhadas com canceira,
Em quanto a porra vê um pouco enxuta :

Ora torno a dizer, é grande asneira ;
Pois vale mais foder a mais reles puta,
Do que estar vendo as pernas d'uma freira !

(D.)

*A uma freira do convento de Sancta Clara de Beja,
por nome D. Euphrasia Margarida, e ao seu babo-
so e cacconço namorado, o capitão Fernão Leite.*

SONETO CLXXXIV.

Em Beja, a dez d’Abril, em Sancta Clara,
A freira Dona Euphrasia Margarida
A’ mão do almofariz foi bem moída,
Ralada a bofetões a nedeia cara :

O Adonis Fernão Leite, que escutara
Os ais que dava a sua mais querida,
Por despical-a a espada traz despida,
Corre como leão, sendeiro pára :

Por erro o capitão se não despica,
Que o desafio as freiras receberam,
Se elle em vez de catana arvora a pica :

Euphrasia tal está qual a pozeram ;
Fernão parte, e ò gazeteiro fica
Meditando as asneiras que se esperam.

Dialogo entre um freguez e uma alcoviteira.

SONETO CLXXXV.

Truz-truz, truz-truz... *Alc.* Q.^m é? Q.^m bate ahí?

Freg. Um homem, que costuma bater lá:

Alc. Como são tantos os que batem cá,

Se não disser quem é, vá-se d'ahi.

Freg. Poistu ã. me conheces? « *Alc.* Nunca o vi;

Mas se quer dê uma volta, e tornará,

Que a senhora Theresa agora está

Com cinco ou seis, a quem a porta abri.»

Freg. Com cinco ou seis! Forte cassão és tu!

E dizia que entrava eu aqui só!

Ah puta, ha de leval-a Berzabu'!...—

Alc. Ah senhor, fale bem, e tenha dó!...

Freg. Eu cuido em lhe fazer em borra o eu,

Se tem lá quem lhe faça o cono em pó.

*A certa Messalina dos nossos tempos, a quem se pode
applicar o que Juvenal dizia da romana :*

« Lassata viris, nec dum satiata recessit. »

SONETO CLXXXVI.

Essa altiva mulher, cara de borra,
Alta, magra, amarella, tola, e fêa,
Casada co'um ourives que laurêa,
Tenue dote comendo á tripa forra :

Tambem ninguem duvida que lhe escorra
Pelas pernas humor de gonorrhœa ;
E' tão puta, que diz á boca chêa
Que jamais se acolheu farta de porra :

Se a não fartou do Braga um caralhote
De vinte, nem d'Arrobas um caralho,
Nem outras porras mil, todas de lote ;

Como ha de sacial-a o seu paspalho,
Que tendo uma barriga como um pote,
Tem a pica menor que um dente d'alho ?

A certa moça da vida, que ao fim de vinte annos de officio, dizia haver emprenhado.

SONETO CLXXXVII.

Vade retro, cassão, furia malvada,
Putá já desde a criação do mundo,
Poço aonde ninguem encontra fundo,
Engana-se quem diz andas pejada :

Dizem, padeira, que por assoada
Tens adornado o cono furibundo
Com sedas de cabrito, e lá no fundo
Uma pouca de lan mal tonsurada ;

Illudes, puta mestra, a gente leiga,
Co' o volume, que trazes na barriga,
Promettendo futura prole meiga :

Não ha tal, é mentira, e ha quem diga
Que isso é uma barrica de manteiga,
Farpados restos da baiuca antiga.

*A' boa e descansada vida, que levam os nossos frades—
pios, digna de inveja por todas as considerações.*

SONETO CLXXXVIII.

Desde que nasce o sol até que é posto
Governa o lavrador o curvo arado,
E d'annos o soldado carregado
Peleja, quer por força, quer por gosto :

Cristalino suor alaga o rosto
Do barqueiro, do remo calejado ;
Do cascavel ao dente envenenado
Anda o rude algodista sempre exposto :

Trabalha o pobre desde a tenra idade ;
O destro pescador lanços sacode
Para escapar da fome á atrocidade ;

Todos trabalham, pois que ninguem pode
Comer sem trabalhar ; somente o frade
Come, bebe, descansa, e depois fode.

*A um, que tendo sido Ouvidor em Pernambuco, anáava
por Lisboa com grande trem de equipagem, e de cuja
mulher se entretinham as más linguas.*

Dialogo entre o Poeta, e o seu Moço.

SONETO CLXXXIX.

Tururum-tururum-tum-tum. *Poet.* Q' bulha é esta?
Quem vai de leve roda? E' baptisado
D'algum mestre perito, e pespontado,
Que aos moços promettesse meia peça?

Será freira, nas vesp'ras de professa,
Que a ter venha os tres dias d'enforcado?...
Serão bestas no ensino?... Oh lá, criado,
Vem contar-me o que vês pela travessa.

Moc. Esta bulha, senhor, este trabuco,
E' um carrinho armado em ar d'ensaio,
Que pucha o Ouvidor de Pernambuco.

Poet. Ah já sei, dizes bem! agora caio!
Em fim, deixal-o, pois não pode ao cuco
Impedir-se o motim no mez de Maio.

Ao poeta Josino, ou José Daniel, convidando uma turba de metrificantes, a quem deu de cear uma miseravel rabada de pescada, etc.

SONETO CXC.

De outenta e tres poetas rancho idoneo
Põe ás moscas Josino em certa rua ;
Quiz um d'elles travar o sol co'a lua,
O aureo Tejo co'o Zephyro favonio :

Que fez Ferreira? (·) insulta de bolonio
O heróe da acção com toda a gente sua ;
E fica entre os pexotes, que avacua,
Quasi egual no milagre a Sancto Antonio :

Do silencio ao cadoz foge este indigno
Cardume de asneirões, que em rede armada
A satyra apanhou do auctor mais fino :

Mas todos elles pezam pouco, ou nada ;
Todos eram miudos ; só Josino
E' que sahiu co'um rabo de pescada !

(·) Joaquim Ferreira, que os enxovalhou de tolos, ficando todos calados, etc.

*Ao Thomas dos Pó's, que vestido de habito franciscano,
e com barbas compridas, andava a prégar de mis-
são pelas ruas de Lisboa.*

SONETO CXCI.

Ah meu sancto das gentes conhecido !
Hirsuta barba tens té á cintura,
Quem não conhece tua san figura
Não é nem por taful admittido :

Toda Lisboa tu tens desmentido
D'aquella antiga forma e contextura ;
Nem o baixo fanico já procura
Em ti do gran Labeque o pó subido :

De te ver com dinheiro me confundo ;
Pois com gosto subtil, dando orde'á vida,
Com vistas pobres és senhor do mundo.

Eu bem sei que é trabalho, sei que é lida ;
Mas tu, meu bom Thomas, no que me fundo,
E' ver-te já senhor de China e ermida.

*Ao Papa-castanhas, que tractando amores com uma
freira de Sanct'Anna, chamada D. Maria das Fa-
nhas, e tendo esta appetite de comer sardinhas,
elle lhe mandou meio cento.*

SONETO CXCII.

Que é isto, oh sanctidade das alcunhas?
Vomite versos quem comeu castanhas:
Mas se as que o burro caga são tamanhas
N' essas só filarás também as unhas.

Escreveste em romance garafunhas
Afinando a dignissima dos Fanhas;
Que a vozes te sabiam das entranhas,
Sendo o Rufo, e o Taranta testemunhas.

Não faças versos, faze carantonhas,
Quando vês umas pernas como linhas,
É um cono, que tem lan para tres fronhas:

A's freiras faze bem, Juan de las vinhas,
Porque quando te mostram as vergonhas
Lhes mandas meio cento de sardinhas.

(D.)

*Resposta em nome do Papa-Castanhas pelos
mesmos conscantes.*

SONETO CXCIH.

Venha cá, sacatrapo das alcunhas,
Eu sou cão lambareiro das castanhas?
Para as que o burro caga assim tamanhas
Não tenho eu dentes, mas vossê tem unhas.

Que lhe importam as minhas garafunhas?
O que tem co'a dignissima dos Fanhas?
Deixe arreitar, não tenha más entranhas,
Que lh'o hei de provar com testemunhas.

Se mostro a porra e faço carantonhas,
Se vejo o cono, e pernas como linhas
Por isso largo lan para tres fronhas.

Porque tractando as freiras como vinhas,
O que d'ellas vindimo são vergonhas,
O que gasto com ellas são sardinhas.

*Ao Padre Fr. Luis do Monte Carmello, Carmelita
descalço, compondo e publicando em Lisboa,
no anno de 1767, uma nova Orthographia,
pebr que todas as que havia.*

·SONETO CXCIV.

Arre lá ! Tanta asneira amontoada !

Nunca vi tal escholio de tolices;

Parece orthographia de chulices,

Livro para lapões, giria achinada :

Arre o padre nos diz ser phrase usada,

Com que as bestas se livram das perrices ;

E depois de outras muitas parvoices

Chama á alface partida ser *salada* ;

Ora padre, se tanto nos adivinha,

E se gaba de ter lingua discreta,

Responda a esta só pergunta minha :

N'essa, que quer dizer casa secreta,

Que explica um Marianno, um albardinha(*),

Senão um burro, um tolo, e um pateta ?

(*) Os frades Carmelitas descalços, ou Mariannos eram
tambem conhecidos pela alcunha d'*Albardas*.

Ao mesmo.

SONETO CXCIV.

Meu padre Frei Luis, não posso crêr
Que a tantos n'esta côrte faça rir
Um livro, que nos serve de instruir
Nos modos de falar, e de escrever!

Juro-lhe, que me pode agradecer
A vontade que tinha de sahir;
Mas eu vim a Lisboa, quero-me ir,
Que tenho muita cousa que fazer.

Não se zangue, nem inche de furor
Contra os cães, que quizerem derriçar
N'um livro, que é tão digno de louvor:

Olhe, não se consuma, deixe estar;
Bastam para castigo do leitor
As paginas, que tem para aturar (*).

(*) Este soneto, e os mais que se seguem, não são a nos-
so ver de A. Lobo; porem como versam sobre o mesmo as-
sumpto, e não deixam de ter sua pilheria, julgamos dever in-
corporal-os n'esta collecção.

Ao mesmo.

SONETO CXCVI.

Que diabo te moveu, oh Frei Luis,
Para um livro tão tolo hoje compôr?
Em seculo perfeito, e d'esplendor
Dar uma orthographia de *triz-triz*! (*)

Foi loucura, e é asneira o que ella diz,
Confessa, amigo meu, tira o temor;
Que importa as mãos no chão venhas a pôr,
Se puzestes a lingua em termos vís?

Não te envergonhe agora o teu *zas-traz*,
Não tenhas medo algum do *zus-catrúz*,
Que em cousa fria bater ja ninguem faz:

Só um conselho te dou, e é que da luz
Tira o livro, por não se ver que dás
Parto de um monte um ridiculo *mus*.

(*) Vej. a tal Orthographia a pag. 707.

Ao mesmo.

SONETO CXCVII.

Parabens, sabio Luis, vos damos todos
Do vosso livro, ou rol, lingua excellente !
Pois temos, diz agora a rude gente
Livro alto, rol commum, lingua dos godos:

Muito louvor vos dão por vários modos
D'applaudir um heróe tão eminente,
E' justo, é acertado, e é coherente,
Serem eguaes co'os vossos seus apodos :

Uns vos chamam seu páe, outros amigo,
Estes seu mestre, aquelles director,
E todos asnos são no fatal p'rigo :

Olhai, padre, que é logro de maior !
Vós sois somente (crede o que vos digo)
De livros carregado um bom doctor.

Ao mesmo.

SONETO CXCVIII.

A' grega gente, á inculta cafraria,
Ao china, bõsoló, turco, africano,
Vocabulos tirou o Marianno
Para um livro compôr de orthographia :

Do persa, médo, e partho, e Alexandria
Palavras tambem traz o auctor insano ;
Até não lhe escapou o mauritano,
A calmosa Guiné, Laponia fria :

Sabio auctor, livro bom de gosto e norma,
Que tem de povos tantos tanto succo,
Que d'essas muitas linguas só uma fórma :

E' obra serviçal, e de trabuco ;
E' por taes confusões no que transforma
Este livro Babel, o auctor Nabuco.

Ao mesmo.

SONETO CXCIX.

Meninos, que quereis escrever certo,
Fugi de ler a nova orthographia;
Pode saber o auctor theologia,
Mas tudo quanto fala é desconcerto:

As regras, que propõe, com pouco acerto
São dictames da louca phantasia;
Fazei do padre mestre zombaria,
Já que tolo se quiz metter a esperto:

Não tomeis as lições que vos segura
Um livro, que outro equal nunca foi visto,
Com tanta indiscrição, tanta loucura:

Olhai, que de tolices é um mixto,
E' materia de riso, e de censura;
E' compendio d'asneiras, ficai n'isto.

*Aos diversos catalogos de palavras, que vem na mesma
Orthographia.*

SONETO CC.

*Arre é andar, e Burro é o jumento,
Cadeado é ferrolho, é osso o Dente,
Enxerga é d'albardinha bem parente,
Fum-fum é o cheiro mau do baixo vento :*

*Grou é piolho, Honor é tractamento,
Ichneumon animal, Louco é demente,
Mariola homem d'alfandega valente,
Neto é quem tem avó, ou chamamento :*

*Purrias bebados são, Queixo é queixada,
Rasa é fome, dançar baile magano
Sarambeque, Triz-triz cousa quebrada :*

*Vinho é opio, que á gente causa damno ;
Xó signal para a besta estar parada,
Zoupeiro, e tudo o mais é o Marianno.*

*Ao Provedor dos Armazens o Ill.^{mo} Fernando
de Larre.*

DECIMA I.

Quando um *Lobo* irado berra
Seja de fome; ou de frio,
Procura o valle sombrio,
Não pára no alto da serra :
N'um carneiro as garras ferra,
Que elle não tem outros bens ;
Mas eu de peores vaivens
Tolero apertões fataes,
E se não desço aos curraes,
Venho ter aos *Armazens*.



Novo methodo de pedir a consoada ao mesmo.

DECIMA II.

Diz um poeta dos mais pobres,
Da indigencia mais funesta,
Que para passar a festa
Necessita de alguns cobres :
E pois que nos peitos nobres
Só a poesia tem fé,
Pede ao senhor Larre que
Lhe exhiba do seu mialheiro
Qualquer casta de dinheiro,
E receberá mercê.

*A' Chaté, atacando em certa occasião umas
tão boas como ella.*

DECIMA III.

Olhai, cações, vós andais
Comigo muito enganadas ;
Se não dizei-me, rafadas,
Com quem é que vos pinais ?
Com alguns, que nos Guardaes
Vos mandam dar poucos cobres ;
Eu cá tenho moças nobres,
Que andam sempre a ganho e perda ;
E vós um dardo ; ide á merda,
Putas velhas, putas pobres.

*Improvisado na egreja da Magdalena, assistindo
com um seu amigo á pomposa festa que ali fa-
ziam as colarejas de Lisboa.*

DECIMA IV.

Todos quantos aqui estão,
Excepto somente nós,
São do vicio mais atroz
A mais perversa união :
O que é homem é cabrão ;
As mulheres sem disputas,
Tem tres diversas conductas ;
As velhas são feiticeiras,
As outras alcoviteiras,
As raparigas são putas.

A's damas, que trazem no peito um boneco.

DECIMA V.

Nas fabricas da esculptura
Onde figuras se engenam,
Para que os freguezes venham
Põem na porta uma figura:
Hoje as damas com loucura
De vaidosos desatinos,
Uns bonecos pequeninos
Trazem em seu peito ás vezes,
Como quem diz: — oh freguezes,
Aqui se fazem meninos!

*Ao Mendes estucador, que dava jogo em sua casa na
rua dos Correiros.*

DECIMA VI.

O Mendes, mestre d'estuque,
Ordenha a cabra Umbellina (*);
A mulher, bebida fina (**),
Diz ser bastarda do Duque:
Joga-se a manilha e truque,
Em que fazem mil pandilhas;
O Mendes faz maravilhas,
As filhas todas espertas;
Os filhos bocas-abertas
São como os conos das filhas.

(*) Mulata, amiga do Mendes.

(**) Inculcava-se filha bastarda do Duque do Cadaval.

Aos casquilhos da moda.

DECIMA VII.

Um chapéo bem recortado,
E tope maior que a cara,
No seu pescoço uma vara
De pano bem amassado :
Espadim atravessado,
O vestido todo inglez,
Quasi descalços os pés
Com mau feitio e postura,
E' esta a triste figura
D'um casquilho portuguez.

MOTTE.

Tem quatro dentes de mais.

DECIMA VIII.

Toda a pinatriz canalha
Que por officio namora,
E quer saber onde mora
A Jeronyma Borralha :
Lá na rua se agasalha
Dos Mastros, bem junto ao caes ;
Procure co'estes signaes
A moça dos pés pequenos,
Que tendo o virgo de menos
Tem quatro dentes de mais.

MOTTE.

Amor, constancia, e fé pura.

DECIMA IX.

N'aquelles tempos dourados
Que a barba não se cortava,
E um cabelo se empenhava
Por quarenta mil cruzados:
Havia peitos honrados,
Cheios de fé, e lizura;
Mas hoje por desventura
Entre a nobreza, entre o povo,
Combate um cruzado novo
Amor, constancia, e fé pura.

(D.)

MOTTE.

*E' de um até dous tostões
Dos Camelões o pêor.*

DECIMA X.

O melhor dos Camelões
Ali pela rua Augusta,
O maior preço que custa
E' d'um até dous tostões:
Trajam d'elle os aldeões
Do hynverno pelo rigor;
Isto é do bom; que se for
Côr de burro, ou gato pardo,
Não vale um corno, ou um dardo
Dos Camelões o pêor.

(D.)

FIM DAS POESIAS.

WORKS.

NOTAS.

I.^a

AO SONETO XXII.

Anna Zamperini, comica cantora, veneziana, veiu a Lisboa em 1770 com a qualidade de *prima donna*, e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos de Italia pelo snr. Galli, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da Curia Romana.

Entregou-se a esta *virtuosa* sociedade o theatro da rua dos Condes. Como havia tempos que se não ouvira opera italiana em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos*, mórmente da senhora Zamperini, que logo com a sua familia foi grandiosamente alojada. Esta familia Zam-

perini compunha-se de tres irmans, e de um pae, homem robusto, e bem apessoado, que a pezar de uma enorme cabelleira, com que debalde pretendia dar quináo aos expertos alvidradores d'edades, mostrava todavia no semblante poder exigir da senhora Zamperini menos alguma cousa que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar mais alguma cousa que a sua paternal benção.

Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os agentes interessados n'ella lembraram-se de recorrer ao filho do Marquez do Pombal, o conde de Oeiras, então presidente do Senado da Camara de Lisboa, que já preso e pendente da encantadora voz da sirêa Zamperini, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios ideou-se uma sociedade, com o fundo de cem mil cruzados, repartido em cem acções de quatrocentos mil réis cada uma. Para alcance d'esta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes, e estrangeiros, que em dia assignalado e a horas fixas, sendo juntos no Senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da boca do Conde presidente as condições d'essa no-

va sociedade theatral. N'uns o receio de serem mal vistos do governo, n'outros a vontade de agradar ao filho do primeiro ministro, foram as poderosas recommendações, que os arrastaram todos a assignar as ditas condições; das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preencheram... Foram logo nomeados quatro administradores inspectores do theatro, os quaes com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se deram por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. Ignacio Pedro Quintella, provedor da companhia do Gran-Pará e Maranhão, Alberto Meyer, Joaquim José Estolano de Faria, e Theotonio Gomes de Carvalho foram os nomeados inspectores administradores, *nemine discrepante*.

Poucos mezes depois da abertura d'este theatro, morreu o já indicado páe da senhora Zamperini (*Vej. o Soneto cxxvii da presente collecção*): a administração fez-lhe um sumptuoso funeral, e no trigesimo dia apoz o obito, magnificas exequias na egreja do Loreto, onde fora sepultado. Alguns criticos de má lingua haviam espalhado o boato de que n'essas exequias

havia de recitar a oração funebre o padre Macedo, a esse tempo muito bom, e justamente acreditado prégador, e poeta que já cumprimentara a Zamperini com varios sonetos, odes, etc. — O patriarcha D. Francisco de Saldanha, receando que assim succedesse, mandou vir á sua presença o padre Macedo, prohibiu-lhe de orar em taes exequias; de ir á opera; de fazer versos á Zamperini; e ordenou-lhe de substituir por uma cabelleira o cabelo, que trazia á italiana, bem penteado, e muito apolvilhado. Em vão allegou o padre Macedo com o exemplo dos clerigos da Nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabelleira offendia os canones; pois até os padres, que d'ella usavam por causa de molestia, eram obrigados a impetrar breve de Roma, que na Nunciatura era taxado em um quartinho por tempo de um anno de indulto. O patriarcha foi inexhoravel sobre este ponto da cabelleira, e sómente moderou a ordem de não ir á opera, com o preceito unico de não apparecer na platéa, e com a faculdade de acantoar-se em fundo de algum camarote, ou em frizura pouco apparente, como a do auditor da Nunciatura Anto-

nini, e do secretario do cardeal Conti, o padre Carlos Bacher, e outros padres italianos, que como elle, frequentavam a opera, e a casa da Zamperini.

Não foi o padre Macedo o unico apaixonado admirador da Zamperini; muitos poetas nacionaes e estrangeiros tributaram-lhe obsequiosas inspirações de suas musas... Em todos os estados e em toda a idade encontrou essa si-rêa rendidos, e rendosos adoradores. Em dias sanctos, á ultima missa a que ella costumava assistir na egreja do Loreto, era o concurso, que apoz si chamava, numeroso e luzidissimo.

Antes de findos dous annos, e logo depois da morte do administrador Ignacio Pedro Quintella, o fundo da sociedade theatral achava-se exhausto, e as recitas montando a tão pouco, que mal cubriam as despesas indispensaveis do serviço mais ordinario; os administradores deixaram de pagar os salarios dos comicos, e dos musicos da orchestra...

A final esta negociação theatral durou apenas até meado de 1774. O Marquez do Pom-bal fez sair de Lisboa a Zamperini, e os accionistas não colheram cousa alguma da empreza,

pois achando-se esta empenhada, e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

(Extrahida das notas ao poema *O Hyssope*, feitas pelo enr. Verdier: nota 22.^a a pag. 183: da edição de Paris, 1821.)

II.^a

AO SONETO LXVII.

Este soneto refere-se á prisão, e sentença de varios individuos, que no anno de 1778 foram capturados em Valença do Minho, e conduzidos aos carceres do chamado *Sancto Officio*. Parece que os seus processos correram aceleradamente, contra o antigo costume d'aquelle tribunal; pois que no mesmo anno, a 11 de Outubro, sahiram penitenciados, tendo-se

lhes lido as sentenças no auto de fé (que julgamos ser o ultimo) celebrado na propria sala da Inquisição de Lisboa, sendo então inquisidor geral o Cardeal da Cunha.

Daremos aqui os nomes dos presos, extrahidos da lista respectiva.

1. Miguel Kincerlate, sargento-mor do regimento d'artilheria do Porto, natural de Bruxellas.

2. Aleixo Vache, ciruagião-mor do mesmo regimento, natural de Liers em França.

3. José Leandro Meliani, tenente do dicto, natural de Lisboa.

4. José Anastasio da Cunha, tenente do dicto, e lente de geometria na Universidade de Coimbra, onde foi preso.

5. José Barreto, cadete do dicto, natural de Valença.

6. Henrique de Sousa, cadete do dicto, natural de Penamacor.

7. Manuel do Espirito Sancto Limpo, cabo d'esquadra dicto, natural de Olivença.

8. João Manuel d'Abreu, soldado dicto, natural de...

9. José de Sousa, soldado dicto, natural de...

10. José Maria Teixeira, estudante do quinto anno de canones, natural de Valença.

Dos processos feitos a estes réos nas Inquições de Coimbra e Lisboa, hoje existentes no archivo da Torre do Tombo com outros papeis que para ahi passaram pela extincção do *Sancto Officio* em 1821, consta que os presos se declararam por suas proprias confissões apostatas da religião catholica, indifferentistas uns, materialistas outros; negando alguns a divindade de Christo, outros os dogmas do purgatorio, e inferno, etc., etc. — Só o primeiro dos nomeados é que tambem declarou ser *franc-maçõ*, e que entrara n'esta ordem em certa cidade, cujo nome se occulta.

Se os culpados tivessem cabido nas garras do sancto tribunal trinta, ou quarenta annos mais cedo, teriam provavelmente ido expiar o seu delicto nas fogueiras: porem os tempos eram já outros; e por isso os *padres tristes* contentaram-se com impor a todos as penas de *confiscação de bens*, perdimento dos postos, e reclusão em varias casas religiosas, confinando por tempo determinado uns em Rilhasoles, outros nas Necessidades, *para ahi serem ins-*

truidos na fé, e deportando-os em seguida para Vizeu, Lamego, Evora, etc.; ficando-lhes expressamente defeso voltarem a Valença, ou a Coimbra, em quanto vivessem.

O ultimo porem, cujas culpas foram julgadas mais graves, por ter dogmatisado, e querido converter outras pessoas ás suas opiniões, foi por isso tractado com menos *suavidade*, e *misericordia*, levando alem da confiscação, a pena de açoutes, e cinco annos de galés!

III.^a

AO SONETO XCVIII.

Posto que este soneto fosse incluído como de Bocage, na miseravel e risivel collecção de *Poesias Satyricas Inedictas* d'este auctor, dada á luz em 1840 por A. M. do Couto, e que como tal appareça reproduzido na *Livraria Classica* dos snr.^s Castilhos, vol. XXII a pag. 27, vindo tanto em uma como em outra extranhamente deturpado, estamos todavia persuadido de que não haverá pessoa, que, presando-se de

conhecer d'estilos, ouse negar a Lobo a paternidade d'esta produccão: isto além de razões positivas, e inconcussas, que não permitem attribuil-a por modo algum a Bocage; como terminantemente mostraremos em lugar mais apropriado. Por ora limitamo-nos a apontar aqui o que nos parece sufficiente para intelligencia das allusões, que no soneto se contém.

O Conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha, tractava desde algum tempo amores com uma celebrada comica, por nome Francisca, d'algunha a *Esteireira*: porem esta, para não deslisar da pratica e estilo commumente seguido por suas companheiras, antepunhalhe a final como rival favorecido um mestre de campo de auxiliares, chamado José Leonardo Teixeira Homem, que a tradição nos affirmã ser dotado de todas as partes proprias para conseguír as boas graças das damas. O facto é, que (no tempo em que Bocage estaria, pelo assim dizer, ainda no berço) o mestre de campo dirigindo-se certa noite para casa da sua bella, foi assallado por assassinos desconhecidos na travessa da Espera, e abi varado por um d'elles com um florete, sem que podese-

se valer-lhe a sua pericia e destreza. no manejo das armas.

A voz publica indigitou desde logo o Conde de S. Vicente como auctor d'este crime ; e tamanho corpo tomaram estes rumores accusatorios, que elle para evitar as persecuções da justiça (era ainda então ministro d'estado o Marquez do Pombal) teve por melhor evadir-se precipitadamente, refugiando-se na Hespanha. Ahi se conservou até que, annos depois, requerendo processo, veio a ser absolvido do crime que lhe imputavam, por sentença passada no Juizo dos Cavalleiros a 30 de Março de 1778, confirmada por outra da Meza da Consciencia e Ordens de 11 de Abril do mesmo anno, as quaes correm impressas.

Tambem foram similhantemente por sentença do Juizo da Correição do Crime da Corte e Casa, preferida a 7 de Maio do referido anno, julgados innocentes alguns criados do Conde, que eram geralmente accusados de cúmplices com seu amo no assassinio do mestre de Campo.

Este Conde de S. Vicente foi depois o primeiro commandante da companhia dos guardas marinhas, mandada organisar pela rainha

D. Maria I. ; porem a opinião publica assaca-
va-lhe n'este emprego imputações, falsas, ou
verdadeiras, que por decencia calaremos, mas
que facilmente se deixam perceber pelo con-
teudo do soneto a que nos referimos.

Em obsequio á brevidade, e para não avul-
tar demasiadamente o volume, omittimos ou-
tras muitas notas, que ao principio tencionava-
mos fazer, para conhecimento das multiplica-
das allusões a factos e pessoas, que o auctor
apresenta em suas composições ; posto que d'es-
sa falta resultará talvez o passarem muitas cou-
sas desaperebidas para o commum dos leito-
res.



INDICE

DAS POESIAS QUE SE CONTEM N'ESTE VOLUME.

SONETOS.

	Pag.
A baixa prole da relé nojenta	164
Aberta da janella uma só greta.	85
Acabou de Lisboa a seriedade	75
A estampa do fiel martyr de Christo	14
Agora sim, Fuzarias, é que a immensa	112
A' grega gente, á inculta Cafraria.	198
Ahi vem... Quem será esta cachopa	160
Ah meu sancto, das gentes conhecido.	191
Ah que d'el-rei! Não ha quem me soccorra.	143
Ah! quem me dera ao menos um milheiro	178
Ainda, amigo, não veiu o jesuita	89
Amigo, e senhor meu, de França ou Malta.	71
Apenas vês deixada da costura	25
Apezar dos esforços, que fazia	37
Aquella moça, que estendeu primeiro.	159
Aquella renda, que dos olhos desce	162
Aquelle é el-rei? Sim, é o rei aquelle.	90
Aqui jaz gallicado (e quem diria.	137

Aqui o alivio jaz, aqui a peste	111
Arre com tanta pelle grossa e fiua.	66
<i>Arre</i> é andar, e <i>Burro</i> é o jumento	200
Arre lá!... Tanta asneira amontoada!	194
As antigas historias turbulentas.	81
A's moças na comedia ir dar revista	70
A ti mesmo vencêste, alto Moledo	83
A um fradalhão bojudo, e rabujento	174
Brava Almeida, não ouças assustada	125
Certa noute co'os pés ao fogareiro.	50
Completa dos poetas a visita.	93
Comprada em ascoroso matadouro	57
Conheces um varão que anda vestido.	18
Continúa Frei Rocha no governo	39
Coronel por patente, e por peccados	86
Co'um penedo ao pescoço pendurado	74
Da casa Sao Marçal bello advogado	19
D'alto barrete á laia de turbante	51
D'artilheria as salvas estrondosas	91
Dar o braço na sege a uma senhora	72
Das tartareas masmorras o Diabo	152
De foder sujos conos ja cançado	172
Deixa falar o mundo, a qualquer vaia.	47
De outenta e tres poetas rancho idoneo.	190
Depois que ao som do berço me cantava.	52
De pratinhos ao Povia tão somente.	40
Desde que nasce o sol até que é posto.	188
Desterrado murmura o jesnita.	87
Diz um clerigo pobre, mas honrado.	105
De teu cavallo a morte desastrada	133
Em Beja, a dez d'Abri!l, em Sancta Clara.	184
Em casa terrea, com dous bancos sujos	54
Em pequenas barracas de madeira	53
Entro em casas de Condes e Marquezes.	16

Era alta noute, tudo repousava	99
Erarios, casamentos, jesuitas.	34
Esgalgado bucephalo montava	49
Essa altiva mulher, cara de borra.	186
Este que vês aqui, formosa dama.	168
Este que vês, de negras escumilhas.	134
Este que vês, de orelha dobradiça.	73
Eu apostei, senhor, a qual primeiro	7
Eu tenho, excelso Conde, um livro antigo.	12
Feito um pote de letras de conserva.	41
Forte bulha! quem sabe o que isto seja?	145
Forte inveja metteis, ricos lacaios.	110
Fui uma vez de Amor á romaria	31
Fulano Lobo, insecto turbulento	147
Gentil cigana, que n'um ar propicio	165
Graças ao céo! Como hoje resplandece.	158
Ha certas semi-putas n'esta terra	166
Hoje ouvi um francez, cuja loquella.	63
Hontem n'essa cadeira da verdade.	21
Ide, novos heroes, ide, e Mavorte.	65
Illustre Provedor, a minha zanga.	3
Insectos medicaes de capa preta	113
Invoco de mil Musas a influencia.	94
Já reduzido em cheio a uma demencia.	29
Lá onde d'antes era situada.	55
Levantaste <i>extra-tempus</i> da catana.	46
Levantou-se figura ao nascimento	182
Lobo infernal, galego petulante.	146
Lobo voraz, atroz, zoilo mordente	149
Macedo, é tempo de mudar de officio.	24
Mais feio que o arraes do escuro averno.	122
Maldicto seja, seja excommungado	79
Mandou Terencia chamar Glama um dia.	180
Maroto vil, que forjas uma chave.	175

Meninos, que quereis escrever certo	199
Meu Caldas, sabes tu porque a grosseira.	17
Meu Doctor, que tem esta rapariga.	173
Meu João Xavier, tenho assentado.	28
Meu padre Frei Luis, não posso crêr.	195
Meus carambas, bem sei que é cousa dura.	104
Mezas regias em vesp'ras d'advento	11
Mil parabens te dou, oh patria amada.	77
Milagres mil publica do Rozario.	126
Minerva esta manhan (que alegre dia.	15
Mistre Rodney, fizeste bons officios	115
Monsieur Sutá, eu quero uma peruca.	20
Morreu pois o Fonseca, heroe tumbeiro	144
Morreu, senhores meus, o Corcovado.	118
Na perna esquerda trago um formigueiro.	116
Não dês, Talaia, não, contra o preceito	44
Não é esta, senhor, a de que sala	58
Não ha maior asneira n'este mundo.	183
Não ha preto, nem branco (estou pasmado!).	121
Não me quero calar, senão abafó	150
Não te escondo a guedelha encanecida	167
Neto, capinhas, homens de forcado.	43
Nunca João Gomes pôz tão boas vistas	142
O cercilho trazel-o sempre razo	151
Odre de vento, Pinto desazado	117
Oh que rustico estás, monte Parnaso	130
Oh tu quem és; que vens n'esse carrinho	84
Olha, se eu fora a ti, minha Terencia	179
Olha tu, Guimarães, das cortes velhas.	76
Ora tu feito furia, e quanto baste	27
Os olhos vegos, a cabeça torta	109
Paio de linguas, lingua assás picante	148
Para que chamas falsa e fementida.	26
Parabens, sabio Luis, vos damos todos	197

Pariste um bando de cães ladinos	97
Patria de valentões, paiz guerreiro	80
Picador da outra vida, eu te esconjuro.	98
Põe-se a toalha, chega-se a bacia	170
Por altos, gran senhor, sanctos motivos	38
Por onde andas, Pedrinho, que ha tres dias.	124
Por um barbante, de seu cão guiado	140
Pouco importa, meu Conde, que a nobreza	107
Publicada a sentença, que em visita	96
Putá d'um corno, dos diabos freira.	177
Putaria do Sul, gatinha fraca	123
Patedo de Lisboa, oh gente fraca	176
Punhetas vis, que saciando as picas	153
Qual enxame de cães, que um burro morto	135
Qual homem de negocio, que affrouxando	128
Qual rafeiro, que estando ao sol deitado.	35
Quando alguém me encontrar posto na rua.	6
Quando encontrares, camarada velho	161
Quantas vezes, senhor, me acontecia	8
Que deshorem os regios tribunaes	32
Que diabo de choro, ou que lamento	30
Que diabo te moveu, oh Frei Luis	196
Que doctor será este arrebatado.	64
Que é isto, oh sanetidade das alcunhas?	192
Que és puta provarei, minha Terencia	181
Que festas se hão de dar, Gastão amado	1
Que funcção será esta no Loreto.	127
Que leve uma ministra uma excellencia	78
Que lhe importa ao Abbade o jesuita?	88
Que me importa a mim ver dependurada.	5
Que novo modo é este d'impiedade	155
Que o grego cauteloso á solta vela	169
Que sectarios nutrisse a antiga Roma	67
Que tirasse o Marquez com mão avara.	33

Quem diremos que é este ajuntamento.	60
Quem diz mal dos judeus nega a escriptura.	138
Quem é cá Ferrabraz, ou Dom Quixote.	45
Quem é este peralta reverendo	19
Quem é este, que traz a mão ao peito	100
Quem houver de lançar em massos finos.	103
Quem souber onde mora um reverendo	106
Quiz Paulino ostentar de christandade.	129
Regente do Anjo man, quão gran regente.	171
Ruivo, de côr baça, e mente aerea	119
Sae um nosso maltez a todo o trote	68
Sancta Rita, a impossiveis consagrada.	13
Sanctissima Rainha, a vossa graça	154
Se acaso vires uma moça linda	157
Se a lyra pulsas, ou o pandeiro tocas	132
Se en fora a ti, men chefe das Gazetas	120
Se en fora, excelso Duque, homem perito.	10
Se um veloz javali, que vai fugido	56
Septe dias ha só que a eternidade	2
Sim, meu Juiz, eu sim te mandaria	108
Sim senhores, têm feito maravilhas.	36
Soa no saero monte uma bozina	22
Sonhou Talaia, heróe das phantasias	42
Talaia, que tens tu co'a padaria	48
Tenha mão, onde vai? Forte doudice	114
Thomás, é tempo, e tempo de humildade.	136
Tolentino, senhor, foi quem traçou.	59
Torta a russa cesarea o velho traz	156
Tres reis gentios, nenhum d'elles mouro.	4
Trovejaram os poetas de manada	92
Truz, truz... Quem bate ahi?—Abra, senhora.	23
Truz, truz.. truz, truz.. Quem é? Quem bate ahi?	185
Turru-turru-tum-tum... Que bulha é essa?	189
Um homem tal e qual, um tal sujeito	131

Um olho côr d'esponja, outro albaento	139
Um rapaz a gritar como um cabrito	61
Um vulto, cuja forma desconsola	69
Uma devassa o deus Apollo abriu	95
Uma lameda ha aqui n'esta cidade.	141
Uma moça à janella (isto é verdade)	163
Vade retro, cassão, furia malvada	187
Vai-se extinguindo em fim essa inaudita	101
Venha cá, sacatrapo das alcunhas	193
Viste já, meu sarrafaçal poeta	82
Vossês não me dirão, que sabem tudo	102
Vossês não me dirão (valha a verdade)	62

DECIMAS.

Diz um poeta dos mais pobres.	202
N'aquelles tempos dourados	209
Nas fabricas d'esculptura	205
O Mendes, mestre d'estuque.	206
Olhai, cações, vós andaes	200
Quando um Lobo irado berra	201
Toda a pinatriz canalha	208
Todos quantos aqui estão.	204
Um chapéo bem recortado	207
O melhor dos Camelões	210

FIM.

ERRATAS.

Pag. X. lin. 10..	palacia no . . .	—	lêa-se	palaciano
» 10 vers. 7..	meu	—	»	man
» 38 » 9..	Contados . . .	—	»	Confiados
» 166 » 13..	vista	—	»	dista
» 218 lin. 8..	enr	—	»	snr.
» 223 » 19..	preferida . . .	—	»	proferida



Res.
3490

